

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E
TERRITORIALIDADES

ADEMAR POSSEBOM PESSINI JUNIOR

A CONTEXTUALIZAÇÃO DOS CRIMES
CONTRA A VIDA DAS MULHERES NA
IMPRENSA NO ESTADO DO ESPÍRITO
SANTO: UMA ANÁLISE DE CONTEÚDO
DAS NOTÍCIAS DE A TRIBUNA

VITÓRIA
2019

ADEMAR POSSEBOM PESSINI JUNIOR

**A CONTEXTUALIZAÇÃO DOS CRIMES
CONTRA A VIDA DAS MULHERES NA
IMPRENSA NO ESTADO DO ESPÍRITO
SANTO: UMA ANÁLISE DE CONTEÚDO
DAS NOTÍCIAS DE A TRIBUNA**

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Territorialidades, na área de concentração Comunicação e Poder.

Orientador: Prof. Dr. José Edgard Rebouças.

VITÓRIA

2019

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

- P856c Possebom Pessini Junior, Ademar, 1980-
A contextualização dos crimes contra a vida das mulheres na
imprensa do Espírito Santo: uma análise de conteúdo das
notícias do jornal A Tribuna / Ademar Possebom Pessini Junior.
2019.
72 f.
- Orientador: José Edgard Rebouças.
Dissertação (Mestrado em Comunicação e Territorialidades) -
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Artes.
1. mulheres, violência contra as. 2. crime na comunicação de
massa. 3. imprensa. 4. homicídio. 5. Espírito Santo. 6. feminicídio.
I. Rebouças, José Edgard. II. Universidade Federal do Espírito
Santo. Centro de Artes. III. Título.

CDU: 316.77

AGRADECIMENTOS

Há muitas pessoas a quem sou muito grato com a conclusão desta dissertação, mas especialmente: ao professor Edgard Rebouças, por acolher, apoiar e orientar este projeto desde o início, oferecendo recursos valiosos, em especial o seu exemplo de dedicação, motivação, respeito e zelo pelo trabalho acadêmico; à minha mãe e ao meu pai, pela amorosa contribuição fundamental para a minha educação; e à minha amada Bartira, pelo tremendo apoio e pelo incondicional estímulo à minha realização deste tão sonhado mestrado.

RESUMO

Esta dissertação visa contribuir com a compreensão da atuação do jornalismo praticado no estado do Espírito Santo a respeito de um tema caro a este território: seus historicamente altos índices de homicídios. Para realizar este estudo, foi feito um recorte de análise que selecionou como objeto as notícias dos crimes contra a vida das mulheres publicadas pelo jornal A Tribuna durante o ano de 2016 que continham contextualização; ou seja, que não se restringiram à mera reportagem dos detalhes dos crimes. A opção por este objeto se baseou tanto na observação de que o Espírito Santo tem a sexta maior taxa de homicídios de mulheres do Brasil; quanto na observação de que a contextualização das notícias desses crimes, no Brasil, é rara, apesar de necessária. As notícias selecionadas para estudo foram submetidas à análise de conteúdo; que foi enriquecida com a revisão bibliográfica dos estudos a respeito da divulgação dos crimes contra a vida pela imprensa capixaba; além de conceitos-chave como comunicação, poder e territorialidades. Os principais resultados foram: identificou-se que 25% das reportagens apresentavam alguma contextualização; quase sempre, porém, essa contextualização dava voz a fontes policiais, reforçando uma abordagem criminal, e não outras, como históricas ou sociológicas; e quase nunca esses crimes foram apresentados como parte de um contexto mais amplo de uma situação específica e histórica do Espírito Santo. A principal conclusão desta dissertação é que a imprensa capixaba, ao sistematicamente deixar de contextualizar adequadamente os crimes contra a vida das mulheres, deixa também de contribuir de maneira relevante com constituição das novas multiterritorialidades locais que favoreçam a mudança no grave cenário dos crimes contra a vida no estado do Espírito Santo.

Palavras-chave: mulheres, violência contra as; crime na comunicação de massa; imprensa; homicídio; Estado do Espírito Santo.

ABSTRACT

The present dissertation aims to contribute with a understanding of the journalism practice in Espírito Santo state regarding an important theme to this territory: its historically high homicide rate. In order to perform this study, we delimited the analyzed object as the news about crimes against women published by the newspaper A Tribuna during the year of 2016 that have had some contextualization, that is to say, that were not merely a detailed report of the committed crimes. This study object was defined based on the observation that the state of Espírito Santo has the sixth highest women homicide rate in Brazil; it was also observed that in Brazil the contextualization of those news about crime is rare, although it is necessary. The selected news for this study were submitted to the content analysis, which was supplemented by a review of studies concerning the publication about crimes against women in local press, as well as the use of key concepts such as communication, power and territoriality. The main results were: it was identified that 25% of the news presented some contextualization, but almost all of them gave voice to police sources, reinforcing a criminal approach instead of other kinds, such as historical or sociological. Also, the crimes were almost never presented as a part of a wider context, which is the particular and historical situation of the Espírito Santo state. The main conclusion of this dissertation is that the local press in Espírito Santo systematically neglects the adequate contextualization of crimes against women; therefore, this type of media is not significantly contributing with the constitution of new local multi-territorialities that stimulate a change of this alarming scenario of crime against life in the Espírito Santo state.

Keywords: women - violence against; crime in massa media; press; homicide; Espírito Santo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1. IMPRENSA E HOMICÍDIOS NO ESPÍRITO SANTO	14
2. COMUNICAÇÃO, PODER E TERRITORIALIDADES	23
3. ANÁLISE DE CONTEÚDO DO NOTICIÁRIO DE A TRIBUNA	42
4. CONCLUSÕES	70
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	73

INTRODUÇÃO

Os levantamentos estatísticos sobre homicídios no Brasil demonstram que o estado do Espírito Santo mantém, há décadas, algumas das mais altas taxas do país. De 1980 a 2012, o estado estava entre os cinco com maior taxa de homicídios (IPEA, 2016, p. 8). A partir de 2013 a situação ficou um pouco menos alarmante; mas, ainda em 2017, o estado mantinha taxas elevadas: 37,9 homicídios por 100.000 habitantes, ante a média nacional de 31,6 (IPEA, 2019, p. 23).

A gravidade dessa persistência tem sido abordada pela sociedade e pela academia em diversas oportunidades. Ainda em 2004, por exemplo, estampou a capa da primeira edição da revista *Ufes Cidadã*, da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), com um levantamento das estatísticas retiradas das notícias dos jornais entre 1994 e 2002 (ZANOTELLI et al, 2004). E de muito anteriormente às estatísticas das últimas décadas é o reconhecimento do estado do Espírito Santo como palco dos conjuntos sistemáticos de atentados contra a vida das pessoas: segundo o pesquisador Marco Aurélio Borges Costa (2016), em sua tese de Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) divulgada no livro “Vítimas que choram: trajetórias de coerção, acumulação social e empreendedorismo violento no Espírito Santo”, os registros sobre essa criminalidade (analisados inclusive em diversos estudos científicos produzidos por instituições de pesquisa capixabas) remontam pelo menos aos anos 1930 (COSTA, 2016, p.100-118) – ou seja, bem antes tanto da acelerada urbanização da Região Metropolitana da Grande Vitória, quanto da Ditadura Militar, que no entanto ainda são apontadas como causas do problema.¹ Por exemplo,

¹ Vide o que informou em 2017, à TV Gazeta, a coordenadora do Laboratório de Pesquisas sobre a Violência Contra a Mulher da Ufes. Disponível em <<http://g1.globo.com/espírito-santo/bom-dia-es/videos/t/edicoes/v/grupo->

(...) pode-se fazer referência ao Sindicato do Crime, nos anos 50, que sequestrava lideranças políticas às vésperas das eleições para garantir o resultado favorável das eleições para alguns grupos, ou então as capturas, que desaparecer com lideranças camponesas que se opunham aos grileiros de terra e aos latifundiários, consolidando seu poder no norte do estado, ou a tradição de pistolagem (...). Há, ainda, os grupos de extermínio que surgem nos anos 60 e envolvem policiais civis e representantes políticos (...), ou a filial local da *Scuderie Le Cocq*, organização fortemente ligada à administração paralegal da força física e que, pelo que indicam algumas investigações policiais recentes, nunca deixou de funcionar (embora tenha sido dissolvida pela Justiça em 2004) (COSTA, 2016, p. 45).

Porém, ainda são poucas as pesquisas a respeito da relação da imprensa capixaba com essa trajetória de acumulação violenta (PESSINI JUNIOR; REBOUÇAS, 2017, p. 8). Esta dissertação de mestrado visa contribuir com a redução dessa carência, focando na relação entre homicídios e imprensa capixaba inclusive para, ao fim, identificar especialmente possíveis novas abordagens para imprensa colaborar mais com a luta contra os homicídios.

Para realizar esta pesquisa, foi feita a opção pelo recorte de análise a respeito de como a imprensa divulga os crimes contra a vida das mulheres. Além de uma necessidade para tornar a pesquisa mais específica e aproximada da realidade, esse recorte teve uma proposta tanto social, de subsidiar a ascensão de movimentos pelos direitos das mulheres no Brasil (WAISELFISZ, 2015); quanto científica, de contribuir para a produção da “história das mulheres” (RANGEL e NADER, 2014, p. 102-109), dos “estudos de gênero” (NADER, 2014, p.11-15) e dos estudos de gênero no campo jornalístico no Brasil, onde também se observa carência dessas reflexões (MARTINEZ et al, 2015, p.3).

Também houve a justificativa social local para o olhar específico para os crimes contra a vida das mulheres: em 2017 (ano de análise do mais recente levantamento estatístico nacional), o Espírito Santo dividia com o estado de Roraima a terceira maior taxa de letalidade de mulheres negras do país, com 9,5 mortes para cada 100 mil habitantes. A taxa de homicídios das mulheres em geral, no estado, também em 2017, era de 7,5 (a sexta maior, empatada com o Pará), ante a média nacional de 4,7 (IPEA, 2019, p. 39-42).

Quanto à abordagem da imprensa capixaba a respeito desses crimes, as raras pesquisas realizadas (PESSINI JUNIOR; REBOUÇAS, 2017, p. 8) – apresentadas no primeiro capítulo deste trabalho – demonstraram a recorrência da imprensa em uma série de conflitos em relação a uma abordagem que recomenda procedimentos para não tornar invisíveis os homicídios femininos em suas especificidades (PRADO, 2017, p. 141-162). Tais conflitos também foram observados em uma primeira etapa da pesquisa documental (pré-análise) deste trabalho, pesquisa esta que foi realizada sobre as notícias veiculadas em setembro de 2016, das edições diárias do jornal impresso com maior tiragem no estado (o jornal A Tribuna), e constatou ainda que: a) apesar desses crimes algumas vezes serem tratados com tom de indignação demonstrada pela apresentação de depoimentos de parentes das vítimas, a abordagem ainda era muito descontextualizada, quase sempre sem o resgate até dos elementos mais reconhecidos que indicariam a gravidade dessas recorrências; e b) esses crimes contra a vida quase sempre eram tratados com outros quaisquer, geralmente só obtendo destaque no noticiário como um todo quando a notícia teve potencial de conquistar audiência devido à brutalidade e a outros elementos de sensacionalismo.

Essa pré-análise também demonstrou que, apesar dos estudos anteriores localizados apontarem para a falta de contextualização das notícias sobre os crimes contra a vida das mulheres, essa contextualização, em 2016, já não era tão rara quanto informado nas pesquisas acadêmicas anteriores. Disso enfim decorre o objetivo principal e mais específico deste trabalho: compreender como a imprensa contextualiza os homicídios femininos, por meio inclusive de uma análise das notícias veiculadas em um jornal de grande circulação estadual.

Foram objetivos secundários: a) realizar a observação crítica de um período atual do noticiário capixaba; b) identificar no noticiário elementos-chave da contextualização dos crimes contra a vida das mulheres no Espírito Santo; c) identificar o sentido que esses conteúdos constroem, para verificar em que medida essa construção diverge do que já se observa como melhores parâmetros, segundo o Instituto Patrícia Galvão (PRADO, 2017, p. 141-162), que é uma organização brasileira de caráter nacional dedicada às lutas pelo direito à comunicação e pelos direitos a mulheres para a comunicação dos crimes contra a vida das mulheres; d) resgatar estudos já desenvolvidos sobre a imprensa capixaba e a violência contra a mulher; e) articular essas análises com bibliografias contemporâneas do campo

científico da comunicação, localizando o objeto deste trabalho no estado da arte da área; f) articular os estudos sobre comunicação no Espírito Santo com os estudos sobre homicídios no estado; g) identificar novas oportunidades de pesquisas sobre o tema; e h) contribuir para o debate a respeito da trajetória dos crimes contra a vida das pessoas no estado do Espírito Santo.

Para tanto, a pergunta que guia esta pesquisa foi: como a contextualização pela imprensa capixaba, dos crimes contra a vida das mulheres, contribui (ou não) para a diminuição (ou aumento) da incidência desse tipo de violência? Afinal, as opções da imprensa (impressa ou não) são muito relevantes para a informação da sociedade, para a constituição das territorialidades. E por que não optar por tratar como feminicídio ao invés de “crimes contra a vida das mulheres”? Afinal, o “assassinato de mulheres em contextos marcados pela desigualdade de gênero recebeu uma designação própria: feminicídio” (PRADO, 2017, p. 9). A resposta para esta pergunta tem três partes: 1) as estatísticas usadas para basear os levantamentos históricos sobre os crimes contra a vida das mulheres quase sempre abarcam muito mais do que os motivados especificamente por questões de gênero, como o feminicídio; 2) os jornais ainda hoje deixam frequentemente de nomear o feminicídio mesmo quando ele é evidente; e, portanto, 3) devido a essa abordagem estatística generalista, ela foi a buscada nos jornais e estudada nesta pesquisa, com o objetivo de ainda assim, ao fim, contribuir para a compreensão da realidade dos feminicídios no estado do Espírito Santo. A proposição deste trabalho foi que a imprensa capixaba, mesmo quando procurou contextualizar suas notícias e realizar um “bom trabalho jornalístico”, muito mais contribuiu para realizar uma divulgação que prejudica a sociedade do que para enfrentar a trajetória de acumulação social violenta.

Uma contextualização adequada das notícias dos crimes contra a vida das mulheres no Espírito Santo, por sua vez, como se verá à frente, consistirá não apenas em apresentar a questão específica em termos de estatísticas espírito-santenses e fontes oficiais sendo ouvidas, mas especialmente em apresentar essas informações pelo menos em contexto nacional (o Espírito Santo como palco de muito maior recorrência desses crimes há décadas) e com fontes que contribuam também para demonstrar a diversidade de atores que estão ou podem estar envolvidos na solução desse grave problema (desde movimentos populares que conseguem desenvolver projetos locais relevantes até os pesquisadores locais que

estudam o assunto, passando ainda pelos formuladores de políticas públicas que eventualmente precisem ser cobrados pela ausência de resultados mais eficazes dos órgãos públicos).

O conjunto da pesquisa deste trabalho consistiu em articular uma revisão bibliográfica contemporânea sobre a comunicação com uma análise de conteúdo do noticiário do jornal diário impresso A Tribuna (escolhido por ter, naquele ano de 2016, a maior tiragem entre os jornais publicados no estado do Espírito Santo, segundo o levantamento divulgado pela Associação Nacional dos Jornais², além de ser um jornal com grande circulação e referência especialmente na Grande Vitória, que é a região que concentra cerca de dois terços da população total do estado, também produzindo – este jornal – muito conteúdo sobre o estado como um todo).

A análise de conteúdo pode ser definida como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (BARDIN, 2016, p. 48).

A origem desse método tem relação direta com os estudos de comunicação iniciados há quase 100 anos nos Estados Unidos. No Brasil, tal metodologia continua sendo muito empregada para estudos de jornalismo, “com seriedade na grande maioria dos estudos, sugerindo maturidade da comunidade científica nacional como um todo” (MARTINEZ, 2014, p. 6). Esse tipo de método favorece a análise de grande quantidade de notícias, enquanto que o método da análise de discurso tradicionalmente é empregado para o estudo de poucas notícias (quando não apenas uma). Já a revisão bibliográfica visou tanto resgatar as contribuições de estudos anteriores sobre o tema, quanto identificar novas contribuições para o desenvolvimento da análise (MINAYO, 2000, p. 183-185).

A linhagem de pensamento social a que esta pesquisa aderiu foi à corrente crítica. Também conforme Minayo (2000, p. 200), apesar do flerte com o positivismo que a análise de conteúdo realiza (ao dar grande valor às “inferências” quantitativas), já estava suficientemente observado que isto se tratava de uma vantagem em relação a outros métodos de pesquisa que, em busca de compreender

2 Lista disponível em <http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/> Acesso em 13 jan. 2018.

uma formação social, muitas vezes se limitavam a análises muito superficiais dos elementos, como as notícias.

A opção pelo viés crítico, nesta oportunidade, decorreu de se buscar compreender a totalidade da realidade (MINAYO, 2000, p. 64-65) por meio de observação da dinâmica real da sociedade (materialismo histórico) em seu dinamismo (materialismo dialético), permitindo compreender a realidade também por meio do acompanhamento e da interpretação da dinâmica da contextualização dos crimes contra a vida das mulheres no jornalismo capixaba.

Diferentemente dos positivistas que buscavam as leis invariáveis da estrutura social para conservá-la, a lógica dialética introduz na compreensão da realidade o princípio do conflito e da contradição como algo permanente e que explica a transformação. Nada se constrói fora da história (MINAYO, 2000, p.68).

Dentro dessa linhagem da análise de conteúdo, foi selecionada a técnica da análise categorial, com desmembramento do texto em unidades, em categorias. Ou, nas palavras de Minayo (2000, p. 211), manter a crença na significação da regularidade, porém trabalhar com “significados em lugar de inferências estatísticas”, realizando inferências quantitativas em busca de significados com indicativos transformadores.

A pré-análise necessária para essa metodologia de pesquisa foi realizada tendo como objeto as notícias das edições de setembro de 2016 do jornal A Tribuna, desde quando já se observou que as fontes das contextualizações das reportagens sobre mortes de mulheres eram quase sempre autoridades policiais, reforçando a abordagem criminal ante outras, como a histórica e sociológica.

As categorias selecionadas em seguida, já durante a análise, foram: “Polícia e Justiça” (para a contagem das notícias com delegados e juízes), “Especialistas” (para registrar porta-vozes qualificados pela academia, especialmente) e “Sociedade” (para considerar o histórico violento capixaba e a presença de movimentos sociais de enfrentamento dessa situação).

As contextualizações em 2016 eram vistas como raras e, devido ao ano de 2017 ter sido marcado por uma atípica crise na segurança pública estadual (especialmente no mês de fevereiro, quando houve uma greve da Polícia Militar que durou 21 dias), o período de notícias selecionado para ser analisado (com resultados apresentados no terceiro capítulo deste estudo) foi então o de janeiro a

dezembro de 2016 (para ser um intervalo com número suficiente de notícias contextualizadas). Das notícias sobre crimes contra a vida de mulheres, foram inferidos resultados a partir da localização e análise dos indicadores de dentro das notícias.

Para essa inferência, trabalhou-se com arquivos em formato PDF das edições diárias completas do jornal A Tribuna, arquivos nos quais foram buscadas as páginas onde fossem localizados (isolados e/ou reunidos) termos como (não apenas estes): “assassinada”, “morta”, “ferida”, “agredida”, “feminicídio” e “delegada”, além de “histórico” (para buscar a contextualização dos crimes pelo menos por meio das estatísticas), “ranking” (para buscar localizar os levantamentos comparativos nacionais, que são as mais populares fontes de informações sobre as estatísticas de crimes contra a vida no Brasil) e “estatísticas”. A escolha desses termos se deu em decorrência da observação realizada tanto na pré-análise, quanto na primeira aplicação da metodologia da análise de conteúdo sobre o material coletado.

Assim esta pesquisa também pôde contribuir para que se compreenda mais do que a comunicação no Espírito Santo, mas sua própria sociedade como um todo. Afinal, em sociedades predominantemente urbanas e típicas latino-americanas como a desse estado, é muito por meio da comunicação de massa que se realiza a sociedade, ressalta Martín-Barbero (2002) que, ao estudar a Colômbia, observou que a comunicação de massa passou a ser lugar (crucial) da própria realização da política (inclusive de movimentos sociais que, mais do que reivindicar representação da mídia, passaram a buscar reconhecimento por aquela – ela havia se tornado um lugar privilegiado para travarem suas lutas) (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 331).

Um fenômeno que Martín-Barbero destaca que não decorria apenas de condições contemporâneas do capitalismo, pois tem relação inclusive com o projeto da modernidade lido ainda em Max Weber: como um desejo de abstração de “uma sociedade na qual a desapareição das seguranças tradicionais rompe os laços que faziam integração com a cidade” (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 324). Laços que assim passaram a se estabelecer dentro da comunicação (inclusive a de massa).

Sobre esse mesmo contexto, Martín-Barbero ressaltou posteriormente, ao estudar a mediação tecnológica do conhecimento na produção social:

enfrentamos uma perversão do sentido de demandas socioculturais que encontram de algum modo expressão nas mídias, mediante a qual se deslegitima qualquer questionamento de uma ordem social à qual só o mercado e as

tecnologias permitiram dar forma. Esta concepção hegemônica nos submerge numa crescente onda de fatalismo tecnológico diante do qual se torna mais necessário do que nunca manter epistemológica e politicamente a estratégica tensão entre as mediações históricas que dão sentido e alcance social às mídias e ao papel de mediadores que eles estão realizando hoje” (MARTIN-BARBERO, 2006, p. 55).

Tudo isso torna ainda mais complexa a compreensão dos fenômenos de comunicação, estes então fundamentais. Para subsidiar essa leitura da realidade, nos capítulos seguintes desta dissertação, além de terem sido resgatadas as pesquisas já realizadas sobre imprensa e homicídios no Espírito Santo, foram aproveitadas contribuições mais conceituais e gerais dos estudos contemporâneos sobre comunicação, poder e territórios e territorialidades. Em geral, esses estudos recomendam a análise da especificidade das relações que se estabelecem em cada lugar, a cada momento, para se encontrar as dinâmicas dessas relações e, assim, as formas de lidar com os desafios sociais. A articulação desses conhecimentos favoreceu uma compreensão não apenas do fenômeno dos homicídios femininos na imprensa, mas também a imprensa como parte do problema e da solução – portanto, imprensa como força estratégica a ser considerada para mudança, com vistas à conquista pela sociedade do enfrentamento dos crimes contra a vida das pessoas.

1. IMPRENSA E HOMICÍDIOS NO ESPÍRITO SANTO

Apesar das taxas de homicídios serem muito altas no Espírito Santo há décadas, poucos estudos foram localizados a respeito de como os jornais produzidos neste estado abordam essa histórica forma de violência (PESSINI JUNIOR; REBOUÇAS, 2017). Ainda mais raros eram os estudos sobre imprensa no Espírito Santo e crimes contra a vida das mulheres. Os resultados desses estudos estavam de acordo com a avaliação das pesquisas nacionais sobre os crimes contra a vida das mulheres, a respeito da carência de contextualização das notícias dos crimes contra a vida. Neste capítulo são apresentados esses e outros aspectos dos estudos publicados até 2016 a respeito da abordagem da grande imprensa no Espírito Santo a respeito dos crimes contra a vida em geral, e não apenas os crimes contra a vida das mulheres.

Para a localização destas pesquisas, foram feitas buscas por artigos, monografias, teses e dissertações nos seguintes canais: Portal de Periódicos Capes (com acesso a todo o repositório disponível para a Ufes); Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações; Google Scholar; site da Compós (Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação); site da SBPJor (Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo); sites de periódicos científicos hospedados no portal on line da Ufes; sites das bibliotecas da Ufes (e seu Repositório Institucional), da Universidade Vila Velha e do Centro Universitário Faesa; sistema de busca de documentos do Centro de Artes da Ufes (que sedia administrativamente os cursos de comunicação da universidade).

Nesses canais, foram feitas consultas das seguintes palavras-chave, sozinhas e combinadas: imprensa; jornal; jornalismo; mídia; capixaba; Espírito Santo; violência; homicídio(s); feminicídio(s); e mulher(es). Dez estudos foram localizados para mapeamento, em consultas realizadas em julho de 2017.

As duas mais antigas pesquisas localizadas contaram com a participação do professor de Geografia da Ufes Cláudio Luiz Zanotelli. A primeira delas, “Violência criminalizada: os homicídios cometidos no Espírito Santo noticiados nos jornais (1994-2002)” (ZANOTELLI et al, 2004), não focou na imprensa como prioridade na análise, mas sim na construção de um quadro estatístico a partir das notícias na imprensa, em uma abordagem metodológica recomendada (naquele momento) inclusive pelo Movimento Nacional de Direitos Humanos para permitir construir uma análise nacional sobre os homicídios (os dados oficiais ainda não eram considerados confiáveis ou comparáveis) (ZANOTELLI et al, 2004, p. 5).

O estudo de Zanotelli coletou notícias de homicídios veiculadas nos jornais A Gazeta e A Tribuna de 1994 a 2002 e trouxe uma análise específica sobre imprensa e violência, também a partir das estatísticas coletadas. As principais conclusões eram que: 1) nas cerca de 20% das reportagens que possuem fotos, quase sempre as fotos eram da vítima; 2) ao longo dos anos, ambos os jornais destacavam cerca de 12% das notícias na primeira página; 3) com o passar do tempo, no entanto, A Tribuna suplantou A Gazeta na liderança do número de fotos da vítima publicadas (A Tribuna foi de 11,5% para 24,4% das vezes; e A Gazeta foi de 18,0% para 17,3% das vezes); 4) proporcionalmente ao espaço dessas notícias em suas páginas, no entanto, A Tribuna sempre suplantou A Gazeta; 5) enquanto que A Gazeta, por outro lado, sempre noticiou o maior número de homicídios do que A Tribuna, chegando muito próximo do total de homicídios registrados, em média, pelo poder público (ZANOTELLI et al, 2004, p.31-34).

Em artigo posterior, “Análise dos discursos sobre a criminalidade e a delinquência na mídia capixaba e seus efeitos sobre a política de segurança e a percepção de (in) segurança”, Zanotelli e Medina (2007, p. 2) apresentaram uma análise de discurso sobre a criminalidade observando 1.120 notícias (nos então três maiores jornais capixabas: A Tribuna, A Gazeta e Notícia Agora) e concluíram que esses veículos “contribuem para estabelecer a dicotomia entre dois mundos”, quais sejam: o “nosso”, de riqueza, educação e não-violência; e o “outro”, com pobreza e criminalidade (ZANOTELLI; MEDINA, 2007, p. 12). “Não existe, grosso modo, um tratamento desses fatos como um problema social complexo” (ZANOTELLI; MEDINA, 2007, p. 12), especialmente quando envolviam pessoas pobres; e, por outro lado, não iam para as páginas policiais problemas como corrupção e impunidade.

A pesquisa também apontou que, devido ao volume de notícias veiculado, criava-se uma “overdose”, que poderia fazer com que a população se acostumassem ao volume de delitos, ao mesmo tempo em que se criava uma sensação de insegurança (inclusive de desamparo do poder público). O estudo também destacou que “a mídia se ergue como ator coadjuvante no papel de polícia e da justiça e como ator incontornável do debate sobre a segurança” (ZANOTELLI; MEDINA, 2007, p. 13), nomeando criminosos e punindo suspeitos.

Outro dado relevante era sobre as fontes das notícias (42% das identificadas eram oficiais), que se fiavam, “em parte, no ‘palpite’ e nas classificações realizadas pelas polícias” (ZANOTELLI; MEDINA, 2007, p. 8), raramente destacando a falta de continuidade de quase todas as investigações.

De sete anos depois do último estudo de Zanotelli foram as seguintes publicações de pesquisas a respeito da relação entre imprensa e crimes contra a vida das mulheres. Os estudos eram da área da Linguística, ambos com envolvimento direto da professora e pesquisadora de Linguística da Ufes Micheline Tomazi, com base nos Estudos Críticos do Discurso de Teun A. van Dijk: “Discurso e manipulação: um estudo crítico de uma reportagem noticiada de A Gazeta sobre violência contra a mulher” (SCHAFFER; TOMAZI, 2014); e “A representação social da violência de gênero contra a mulher no Espírito Santo” (NATALE, 2015).

A primeira dessas pesquisas era uma análise qualitativa de uma reportagem do jornal A Gazeta, sobre uma agressão a uma mulher, veiculada em 2 de setembro de 2013. Analisando o título, as autoras identificaram que: a vítima era identificada pela sua posição social; havia uma tentativa de deixar a notícia sensacionalista; e não havia “um papel social estável” sobre quem é o agressor e quem é a vítima (SCHAFFER; TOMAZI, 2013, p. 44); o jornal veiculava elementos que colocam em dúvida o relato da vítima; e a reportagem terminava relativizando a condição do agressor, descrito como usuário de drogas e afirmando que “esta nova condição social ao agressor fora atribuída por ‘testemunhas’”.

Ao deixar o caso “em aberto”, concluíram Schaffer e Tomazi (2013, p.13), o jornal poderia ter o interesse de

se aproveitar mais uma vez do processo de vitimização do leitor, pois uma vez que haja a ausência de informações no texto o jornal não precisa recorrer somente a estruturas discursivas manipuladoras, algumas estratégias e estruturas podem ser mais eficientes que outras no processo de

influenciar a mente dos receptores (SCHAFFER; TOMAZI, 2013, p. 45).

O estudo seguinte (NATALE, 2015) foi a dissertação de Mestrado em Linguística de Raquelli Natale, sob orientação da professora Micheline Tomazi, analisando 604 notícias dos jornais A Gazeta e A Tribuna em 2013, combinando pesquisa quantitativa com apoio de software e pesquisa qualitativa com base na análise crítica de discurso segundo a Teoria Sociocognitiva, de Teun A. van Dijk.

Em linhas gerais, a pesquisa encontrou pouco espaço destinado à violência de gênero. Nesse espaço, mulheres foram “representadas como responsáveis pelas agressões, ao passo que a responsabilidade do agressor é atenuada pela transferência da culpa para a própria vítima, pela terceirização da culpa e pela omissão do agressor na oração” (NATALE, 2015, p.151). Casos foram tratados de maneira individualizada, e “a maioria das notícias relata casos de agressões e feminicídios nas periferias e apresenta atores sociais de classes menos privilegiadas” (NATALE, 2015, p.151). Houve ainda a transferência da “responsabilidade das agressões para algum tipo de vício, distúrbio psicológico e crimes passionais, oculta as reais razões da violência de gênero e dificulta ainda mais o avanço e desenvolvimento de medidas e atitudes que possam mudar essa realidade” (NATALE, 2015, p.152).

Destaque importante: foi aqui que surgiu a preocupação com a conceituação e o emprego do termo *feminicídio* como uma categoria de análise, já a partir da então recente (2015) inclusão dessa tipificação de crime no Código Penal Brasileiro.

Também foram de 2015 os primeiros estudos localizados a respeito de homicídios e imprensa capixaba tendo sido realizados por pesquisadores do campo da Comunicação no Espírito Santo. Ambos orientados pelo professor da Ufes Rafael da Silva Paes Henriques (responsável pela cadeira de telejornalismo do curso de graduação da universidade), usando “operadores de análise” desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa de Análise de Telejornais da Universidade Federal da Bahia.

Com Ribeiro, Henriques (2015) publicou “Telejornais policiais capixabas: análise sobre o papel dos apresentadores nos telejornais Alerta ES, Balanço Geral ES e Cidade Alerta Espírito Santo”, em que pesquisou o papel dos apresentadores de três telejornais de notícias policiais da TV Vitória, em exibição em sinal aberto em novembro de 2014. E a principal conclusão era de que os apresentadores

(“mediadores”) “atuam” como atores, representando, interpretando um personagem. “Seria como dizer que a exibição do telejornal imitasse um grande palco circense ou de teatro ou até mesmo uma telenovela, no que diz respeito à encenação dos seus personagens” (RIBEIRO; HENRIQUES, 2015, p. 9). Postura esta dos apresentadores interessante para, juntando telejornal com “entretenimento/espetáculo”, servir como “válvula de escape” para as trágicas notícias apresentadas.

A pesquisa também apontou para uma busca por certa proximidade e interatividade desses apresentadores com o público, usando inclusive outros canais de comunicação (como telefone e Internet), abrindo espaço para inserção da voz dos telespectadores. Houve também o aconselhamento e o julgamento de fatos e histórias, em que os apresentadores atuaram como juízes, líderes do Poder Executivo e até especialistas (como médicos e professores). Procuraram ainda estar próximos do público por meio inclusive de aplicativos para celular, o que, por fim, visava fazer com que esses telejornais analisados quisessem “ser os olhos da sociedade”, vigiando e observando instantaneamente o que se passa na cidade (RIBEIRO; HENRIQUES, 2015, p. 11).

Já em seu outro artigo, “A representação da morte no Balanço Geral” (LEITE; HENRIQUES, 2015), Paes analisou a representação da morte nas reportagens de um dos telejornais investigados na pesquisa anterior: o *Balanço Geral*, “um telejornal que explora as cargas emotivas e apelativas, trabalha com a curiosidade, a dramatização exacerbada, o choque, o grotesco e o extraordinário para noticiar os fatos” (LEITE; HENRIQUES, 2015, p. 6) e que “sempre reforça o papel de jornalismo de vigilância” (não apenas a respeito dos homicídios). As informações selecionadas descreviam detalhadamente, de modo muito apelativo, casos individuais. Foi possível observar que em toda a espetacularização, tudo era meramente factual, focado na dramatização e impacto que causaria no público. A crítica – que poderia ser interessante ou relevante para despertar discussões e debates sobre a criminalidade, as precauções, as estatísticas ou o planejamento de políticas públicas – era deixada em segundo plano (LEITE; HENRIQUES, 2015, p. 7).

A conclusão dos pesquisadores foi que a morte acabava sendo espetacularizada e banalizada (principalmente quando se trata da morte de pessoas identificadas pelo apresentador do programa como “criminosos”) (LEITE;

HENRIQUES, 2015, p. 12), cabendo então os questionamentos sobre a credibilidade e a qualidade de telejornais como o *Balanço Geral*.

O terceiro estudo localizado como produção no campo da comunicação foi “Tipificação do feminicídio: o perfil socioeconômico e a caracterização dos crimes contra a mulher pelo jornal A Tribuna” (SAQUETO, 2016), voltado a identificar a tipificação do feminicídio na imprensa. Este era o trabalho de conclusão de curso de graduação em jornalismo de Jessyka Bernardone Saqueto, que (ao analisar o noticiário de A Tribuna entre 10 de março de 2015 e 10 de março de 2016): só uma vez encontrou o feminicídio apresentado conforme o Código Penal; e apontou a falta de contextualização dos crimes contra a vida das mulheres (SAQUETO, 2016).

Os últimos três estudos localizados sobre a representação dos homicídios na imprensa capixaba vieram de três iniciativas isoladas, todas publicadas em 2016: “O linchamento de Gilbercan Mezini e a narrativa midiática: notas sobre a transformação do indivíduo em *homo sacer*” (RIBEIRO JÚNIOR; VELOSO, 2016), gerados no mestrado em Segurança Pública da Universidade de Vila Velha (UVV); “Violência contra a mulher: o retrato dos jornais capixabas” (FERRAZ, 2016), do mestrado em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local da Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória (Emescam); e “A violência contra a mulher no Espírito Santo: antes e depois da Lei Maria da Penha” (CAVACHINI et al, 2016) de uma articulação de pesquisadores do curso de Serviço Social da Ufes e outros.

Ribeiro Júnior e Veloso analisaram a narrativa da cobertura do jornal A Tribuna a respeito de um homicídio que, em 2013, culminou em um linchamento. A pessoa linchada até a morte foi um homem identificado pelo jornal, já no dia seguinte ao primeiro crime, como tendo sido culpado, antes de qualquer apuração ou investigação oficial da polícia. “Nesse julgamento antecipado, o indivíduo não foi denominado de vítima, mesmo após ser espancado e morto brutalmente por cem pessoas da região, que, na reportagem, foram chamadas simplesmente de ‘moradores’” (RIBEIRO JÚNIOR; VELOSO, 2016, p. 58). O estudo observou que “paradoxalmente, o mesmo discurso que legitima a morte do maníaco assassino (...) também defende que se faz necessária uma mudança na legislação para que se aumente a punibilidade dos linchadores” (RIBEIRO JÚNIOR; VELOSO, 2016, p. 58) e, para evitar linchamentos, deveria ser ampliada a pena de pessoas reincidentes em crimes, para que, ao invés de serem soltos, sejam assassinados. “Esse cenário

em que um indivíduo pode ser morto, sem que tal ato seja considerado homicídio, mostra a inexistência de proteção jurídica e política para esse sujeito” (RIBEIRO JÚNIOR; VELOSO, 2016, p. 58).

Ferraz (2016), por sua vez, realizou uma leitura da violência contra a mulher retratada nos jornais A Gazeta e A Tribuna, em sua dissertação para obtenção do título de mestre em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local pela Emescam. Após estudo sobre as diferentes formas de violência contra a mulher e sobre como a imprensa divulga essas formas de violência, a pesquisadora levantou estatísticas sobre a situação na Região Metropolitana da Grande Vitória para, inclusive, comparar os dados das estatísticas oficiais com os veiculados nos jornais em 2015. Tratou-se, nesse ponto, de um grande levantamento estatístico sobre esses cruzamentos (FERRAZ, 2016). Em um segundo momento, após análise qualitativa das reportagens, a autora identificou que: 1) havia banalização da violência na sociedade brasileira; 2) a violência contra a mulher era enraizada na sociedade; 3) havia carência de informações sobre o agressor, observado ainda assim de “forma preconceituosa”; 4) havia a apresentação de justificativas para o delito; e 5) havia omissão dos jornais em estimular debates e reflexões sobre a violência.

Já em Cavachini et al (2016), estava um estudo sobre o aumento do número de notícias sobre violência “familiar ou doméstica” contra a mulher, veiculados em A Tribuna, em uma comparação entre os anos de 2005 e 2014, tomados separados por serem anteriores e posteriores à Lei Maria da Penha. A constatação foi de que o número de reportagens quase quadruplicou (de 58 em 2005 para 217 em 2014), o que ainda, segundo as autoras, estava distante da realidade apontada pelo Mapa da Violência publicado em 2015 (WASELFISZ, 2015). O levantamento também identificou que a motivação para o crime era informada na grande maioria das reportagens (CAVACHINI et al, 2016, p. 201), o que segundo as autoras poderia indicar a persistência do jornalismo em justificar os crimes. E, entre as conclusões, voltou a apontar que o tema era debatido superficialmente na imprensa, “sempre na perspectiva de passar a informação pura e simplesmente, não fomentando uma discussão sobre violência de gênero” (CAVACHINI et al, 2016, p. 204).

Dado que o Espírito Santo dispõe de dezenas de instituições de ensino superior (e só a Ufes já tem 65 anos) e a dimensão que o problema que os índices de homicídios no estado continuam a apresentar ao longo das últimas décadas, notou-se que o número de pesquisas sobre a interface dessa realidade com a

comunicação local era muito pequeno. Também pôde-se observar a descontinuidade dessas pesquisas e a falta de diálogo direto entre elas, haja vista que as pesquisas de cada área quase não faziam referência às outras. Também não parece ter havido institucionalização de linhas de pesquisa sobre mídia e violência.

A datação e as áreas das pesquisas mapeadas indicaram mais as condições de realizá-las do que as demandas de análise dos seus objetos: em um primeiro momento, na área de Geografia; em um segundo momento, na Linguística; e, mais recentemente, na Comunicação e outras. Um dos motivos provavelmente era o fato de que, até 2003 (ano anterior à primeira pesquisa), não havia estatísticas confiáveis no Espírito Santo.

É de fato discutível a qualidade dos dados sobre homicídios antes de 2003, o que poderia levar a uma conclusão – precipitada, diga-se de passagem – de que a partir desse ano as taxas não necessariamente aumentaram e sim se aproximaram da “realidade” para só começar a cair a partir de 2009 (COSTA, 2016, p. 277).

Além disso, “as estruturas de segurança pública tinham um funcionamento absolutamente precário e estavam impregnadas de agentes que pertenciam a organizações criminosas mais ou menos complexas” (COSTA, 2016, p. 276-277).

Observações estas que são coerentes com as do primeiro estudo, da Geografia, que precisou se basear nas notícias de jornais para analisar a violência no Espírito Santo (2004) e que, logo na pesquisa seguinte, voltou aos jornais, para estudar seus discursos sobre os crimes.

Três anos depois, foi criada a pós-graduação em Linguística na Ufes, que produziu mais pesquisas sobre análise de discurso da imprensa capixaba a respeito da violência no Espírito Santo (e criou o Grupo de Estudos sobre Discurso Midiático).

Por fim, simultaneamente ao estímulo à pesquisa em torno da criação do mestrado em Comunicação e Territorialidades da Ufes, vieram as publicações de pesquisadores desta área, bem como de outras que, por sua vez, indicam terem sido mais motivadas por toda a então crescente mobilização nacional para se tratar, até mais especificamente, da violência de gênero.

Metodologicamente, as pesquisas conseguiram sair de análises estatísticas básicas para realizar também análises qualitativas e em áreas e abordagens cada vez mais variadas e amplas.

Por outro lado, foi possível deduzir que o aumento do número de pesquisas nos últimos cinco anos, especialmente, deveu-se a fatores como: a urgência que o debate sobre a violência tomou no Brasil; a maior disponibilidade de estatísticas públicas confiáveis sobre o assunto; e o aumento dos estímulos à pesquisa no Espírito Santo.

As pesquisas mapeadas permitiram notar a variedade de abordagens possíveis e as proporções desafiadoras do objeto que, além de tudo, ainda está alarmante no entorno destas pesquisas: apesar do discurso do Governo do Estado ser propagandeado como de redução grande, as estatísticas mostram que a situação continua grave.

Um campo científico favorável a essa articulação de conhecimentos é justamente o da Comunicação, que tem os seus estudos institucionalizados no Brasil “concomitantemente a uma progressiva afirmação de seu estatuto interdisciplinar” (LOPES, 2000, p. 56). Um campo que é “um razoável ‘estoque’ de estudos, um pequeno patrimônio de conhecimento específico sobre a comunicação” (FRANÇA, 2001, p. 51). Estudos que, por outro lado, “não estão exatamente ou especificamente em nenhum outro campo; hoje não é correto (não corresponderia à realidade) dizer que se encontram espalhados em vários campos” (FRANÇA, 2001, p. 51). É “na medida desse movimento de congregação de olhares diversos, com o objetivo de construir um novo olhar, que podemos pensar o campo de estudos da comunicação enquanto domínio ou espaço transdisciplinar” (FRANÇA, 2001, p.51).

Aberta então a compreensão deste campo, o próximo capítulo apresenta conceituações sobre Comunicação, Poder e Territorialidades (esta, uma área de estudos cada vez mais aliada à pesquisa em Comunicação), contribuições que tanto abrirão espaço para a análise de conteúdo do capítulo seguinte, quanto, por fim, serão retomadas nas conclusões desta dissertação.

2. COMUNICAÇÃO, PODER E TERRITORIALIDADES

Uma das principais referências da pesquisa internacional sobre as indústrias culturais e midiáticas (MELO, 2009, p. 25), Bernard Miège destaca que poucas pessoas negam a atual dependência que os fenômenos de informação e comunicação têm de decisões, estratégias ou influências oriundas da esfera econômica (MIÈGE, 2007, p. 42) – o que não significa que as análises sobre essas indústrias deixem de ser bastante variadas (MOSCO, 2008 p. 45-63), como observa Vincent Mosco (outra referência nos estudos das indústrias culturais e midiáticas). Miège e Mosco têm as suas investigações articuladas ao tradicional campo científico da economia política da comunicação (EPC), que analisa os fenômenos de comunicação considerando associadamente lógicas econômicas próprias (ou não) dessas indústrias e suas relações com governos e consumidores (entre outros). Outra conceituação sobre a EPC:

(...) a conceituação que inspira maior consenso continua a ser a de Vincent Mosco, discípulo-herdeiro do legado cognitivo de Dallas Smythe. Ela abarca o “estudo das relações sociais, em especial das relações de poder, que constituem a produção, a distribuição e o consumo de recursos, inclusive os recursos de Comunicação” (MELO, 2009, p. 28).

Um passo antes de aproveitar a EPC é resgatar o conceito de Indústria Cultural oriundo da Escola de Frankfurt – especialmente para localizar o jornalismo como produtor de um tipo de conhecimento desenvolvimento no bojo do capitalismo, mas, ainda assim, possuidor de potencialidades que ultrapassam esse sistema econômico (e são inclusive fundamentais para a superação desse sistema). Esta é a análise, por exemplo, do pesquisador brasileiro Adelmo Genro Filho, em seu livro “O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo” (1989).

Em seu livro, Genro Filho também analisa contribuições de outras grandes escolas de pensamento alternativas a Frankfurt a respeito do seu objetivo de estudo; porém, focando nos pensadores de Frankfurt, Genro Filho (1989) resgata Adorno como pioneiro na abordagem teórica dos meios de comunicação de massa na perspectiva de suas relações com a economia de mercado, por meio do conceito de “indústria cultural”. Naquela abordagem pioneira está uma ideia de “Totalidade aberta e multidimensional”, vendo o mundo por meio de uma “dialética negativa”, de maneira “desiludida”, como um “agregado de fenômenos perdendo-se” do que seria uma “lógica original” (GENRO FILHO, 1989, p. 95). É então com Adorno nasce o conceito de Indústria Cultural, como “a cultura do capitalismo moderno”, para evitar o que seria uma falsa impressão de uma cultura democrática, das massas, como poderia induzir a expressão “cultura de massa”. Nessa indústria, a cultura torna-se essencialmente mercadoria, ocorrendo uma determinação das relações mercantis sobre os processos culturais e artísticos, sob o primado do lucro, tendo o consumidor como escravo. A técnica envolvida é externa à constituição da obra de arte (“não está a seu serviço”), mas é externa, simulando a obra de arte.

Seguindo nessa compreensão, os meios de comunicação de massa reforçam a ordem estabelecida e o *status quo* e o seu efeito conjunto é uma espécie de anti-iluminismo. Toda a produção da cultura é feita em função desses meios, que passam a orquestrar a produção em função de seu dinamismo e de sua abrangência, com tendência crescente à padronização e à homogeneização das formas artísticas a tal ponto que se supera a espontaneidade da criação e da relação entre o artista e o público. Ao tratar do momento em que a TV começa a ser desenvolvida como mídia de massa, Adorno considera que, apesar desta tecnologia então “avançada” não ser um “mal em si” (independente das suas relações sociais), ela será “apropriada pela burguesia” (GENRO FILHO, 1989, p. 97-99).

Porém, se nesse resgate de Frankfurt Adelmo Genro Filho critica a falta da observação da práxis do processo histórico, por outro lado ele reconhece que seus pesquisadores

(...) não estiveram anos a fio refletindo e escrevendo sobre uma miragem. Há, de fato, uma série de fenômenos peculiares da moderna cultura burguesa, produzida nos moldes industriais em larga escala, que foram denunciados e dissecados pela Escola de Frankfurt. O predomínio do critério mercantil desde a concepção até a produção das obras, o forte traço manipulatório da ideologia dominante nessa cultura, sua

tendência à padronização e ao rebaixamento do nível estético da maioria de seus produtos são algumas das características indiscutivelmente reais da cultura burguesa real (GENRO FILHO, 1989, p. 103-104).

Acrescenta que “essa conceituação não pode pretender abranger a *totalidade* do fenômeno cultural, pois a cultura jamais se deixa submeter integralmente à categoria mercantil” (GENRO FILHO, 1989, p. 104). E uma das formas de observar essa insubmissão é resgatando a seguinte contribuição de Walter Benjamin (outro expoente da Escola de Frankfurt):

Benjamin percebe as enormes potencialidades culturais e estéticas que nascem com a reprodutibilidade técnica, ao mesmo tempo em que dissolve a “aura” das obras de arte, que estaria ligada à ideia do “original” e teria suas origens longínquas na magia. Ele reconhece, no terreno cultural e estético, as inovações tecnológicas como parte de uma práxis que ultrapassa a manipulação de classe a que presentemente servem tais instrumentos, ou seja, enquanto criação histórica de possibilidades culturais socialistas e comunistas (GENRO FILHO, 1989, p. 177).

Resgatando-se então um leitor de Benjamin (Hans-Magnus Enzensberger [GENRO FILHO, 1989, p. 177]), compreende-se que os meios de comunicação de massa possuem potencialidades até mesmo revolucionárias, não se restringindo portanto a serem meros meios de manipulação. “Em princípio, sempre são ao mesmo tempo meios de produção. E uma vez encontrando-se nas mãos das massas, são meios de produção socializados”, afirmava Enzensberger. Além disso, em uma leitura cara à visão de Genro Filho: os meios eletrônicos devem seu irresistível poder não a um artifício ardiloso, mas “à força elementar de profundas necessidades sociais, que se manifestam mesmo na atual forma depravada de tais meios” (GENRO FILHO, 1989, p. 177-178).

Essas considerações da Escola de Frankfurt permitem perceber, enfim: a) por um lado, as configurações das indústrias culturais enquanto instituições avançadas e típicas do capitalismo; e, por outro lado, b) o potencial emancipatório nas indústrias culturais que ultrapassa o capitalismo e diz respeito a uma dada trajetória da humanidade (o capitalismo, então, como “fase transitória” da história). Observações especialmente úteis para ler indústria cultural como não sendo estéreis, conforme críticas recorrentes à Escola de Frankfurt, mas sim úteis e potentes inclusive para combater os crimes contra a vida de mulheres na contemporaneidade.

Consideradas essas marcas pioneiras da conceituação da indústria cultural (no singular porque até então apontada como objetivamente articulada), pode-se avançar para o conceito contemporâneo de “indústrias culturais e midiáticas” (ICM) e seus principais traços (MIÈGE, 2007, p. 44): “originalidades persistentes”; “dois modelos fundamentais”; “a publicidade e os outros dispositivos de promoção e estímulo”; “a convivência de várias facetas”; e “a concentração presente mais do que nunca” (úteis para compreender o que se relaciona a um jornal local de uma sociedade complexa como a latino-americana).

Em Miège (2007), as ICM como objetos de pesquisa científica podem ser explicados como: cada vez mais, “indústrias de conteúdo” (em diferenciação às indústrias “de redes”, como das de telecomunicações etc; e às “de materiais, a ela fortemente articuladas); portadoras de traços comuns especialmente em relação a condições de produção, distribuição e exploração; e marcadas profundamente nas últimas décadas por um processo de industrialização (por sua vez diverso de mercantilização), tendo em sua base o fenômeno da reprodutibilidade a partir de uma criação original (cópia zero) (MIÈGE, 2007, p. 43-44).

Quanto ao “traço” das originalidades persistentes, Miège observa que as ICM organizam-se há 150 anos em produção e distribuição industrial; fazendo de um valor de uso um valor de troca que se realiza nos mercados; remunerando principalmente por meio de direitos autorais e de reprodução (pouco por meio de salários); isto implicando uma cada vez mais vez complexa gestão desses direitos; e contendo uma investigação (cada vez mais manifesta da racionalização e mesmo da industrialização) da fase de concepção em geral (MIÈGE, 2007, p. 45-47). O modelo de negócios dos jornais impressos, em geral, está aqui.

Sobre o traço “dois modelos fundamentais” das indústrias culturais e midiáticas, Miège apresenta o editorial (que tem entre as especificidades o consumidor pagando para consumir) e o “de *flot*” (que se caracteriza também por ser paga pela publicidade, com a venda de audiências, pelas indústrias culturais e midiáticas, para outras); modelos que, apesar de intervirem em toda a cadeia de produção e difusão dos produtos, não necessariamente se apresentam puros na realidade; e que têm como critério de distinção não a materialidade, mas a forma de exploração (MIÈGE, 2007, p. 47-48). Jornais impressos como A Tribuna, por exemplo, se caracterizam pela combinação desses modelos, com predominância do “de *flot*”, dado que o jornal é bancado principalmente por publicidade.

Sobre o traço da “publicidade e outros dispositivos de produção e estímulo”, Miège identifica o amplo mercado que vende os produtos e as audiências (estas, aos anunciantes); e o movimento muitas vezes não percebido das não-mídias (como marketing direto) recebendo cada vez mais investimentos do que a publicidade em si (para a produção e estímulo dos mercados das ICM) (MIÈGE, 2007, p. 49-50). Venda de audiências, da atenção dos leitores dos jornais, aos anunciantes, que pagam ao jornal para terem suas marcas e produtos vistos por quem busca principalmente o conteúdo das notícias dos jornais.

O quarto “traço maior” é a “convivência de muitas facetas”, observada pelas diversas configurações das ICM com as indústrias de redes e de materiais (sendo que as de conteúdo, as ICM, são “as mais produtivas de valor”), em relações muitas vezes conflitantes, inclusive em relação aos seus consumidores (MIÈGE, 2007, p. 51-52). Neste caso, A Tribuna gera o conteúdo e o disponibiliza, por exemplo, via internet, acessada quase sempre por seus leitores pagando a outras empresas também, como provedores de internet e empresas de telefonia, para conseguirem ler as notícias do jornal.

E o quinto traço é o da “concentração presente mais do que nunca”, um fenômeno antigo que vem se internacionalizando e registrando importantes deslocamentos de capitais, por meio de estratégias industriais que “não são imediatamente e diretamente dedutíveis das lógicas financeiras”, apesar de estarem cada vez mais diretamente implicadas a elas também (MIÈGE, 2007, p. 52-53).

Observados os principais traços das indústrias culturais e midiáticas, como estudá-las? Retornando então à EPC, as cinco principais tendências de seus estudos contemporâneos são: a globalização do campo; a expansão de uma duradoura ênfase na pesquisa histórica; o crescimento da pesquisa a partir de novos pontos de partida (especialmente o feminismo e o trabalho); a mudança da ênfase da velha para a nova mídia; e o crescimento do ativismo conectado à tradição. “Nenhuma delas é inteiramente nova, mas sim construída sobre anteriores, que às vezes submergiram entre marcas dominantes do campo”³ (MOSCO, 2008, p. 46).

Nos estudos de Mosco, portanto, a tendência de globalização considerada nas pesquisas se destaca mesmo se considerando que, desde o início, a EPC sempre conteve uma dimensão internacional. Porém, enquanto os estudos iniciais

3 No original: “None of these are brand new tendencies bur rather build on existing ones, which were often submerged beneath dominant trends in the field.”

eram sobre o imperialismo (abrindo leque em seguida para estudos sobre dependência), as mais recentes produções científicas não apenas têm identificado as lógicas específicas dos sistemas mais regionais, como também relacionado essas lógicas às mundiais. O fortalecimento das organizações de pesquisa científica e seus veículos periódicos, bem como a incorporação de pesquisadores de todas as partes do mundo, demonstram e reforçam essa tendência (MOSCO, 2008, p. 46-48).

A pesquisa da economia política também tem documentado a reestruturação das autoridades públicas, inclusive estados nacionais, blocos regionais, organizações de governança global bem como descrevendo suas integrações a um setor comercial que produz híbridos que embaçam a distinção entre público e privado a cada nível de atividade governamental. Novamente, não é mais uma questão de demonstrar como uma grande corporação “captura” um governo por meio do direcionamento de políticas e recursos para grandes negócios. Mais do que isso, estamos testemunhando a completa integração das duas formas de poder numa transnacionalização da autoridade política (BRAMAN, 2007). Como resultado, divisões de classe intra-nacionais que antes ocupavam grande parte das análises de classes sociais na economia política, são agora menos importantes que divisões de trabalho internacionais que reestruturam redes de poder entre as nações (MOSCO, 2008, p. 48).⁴

Por sua vez, a segunda tendência – da crescente ênfase na pesquisa histórica – tem contribuído para demonstrar o quanto que os sistemas de mídia de hoje foram construídos em relações muito contraditórias e complexas, envolvendo crucialmente não apenas capitalistas e governos, como também organizações sociais tais quais os sindicatos. Exemplos vão da constituição da rede pública de radiodifusão do Canadá ao poderio do rádio nos Estados Unidos, passando pelas características das gigantes do Vale do Silício (MOSCO, 2008, p. 49-51). Pesquisa histórica que favorece a compreensão da contextualização dos homicídios de mulheres na imprensa capixaba, até porque é justamente o aspecto histórico um dos que mais precisam ser observados na contextualização da violência contra as mulheres.

4 No original: “Political economic research also has documented the restructuring of public authorities including nation states, regional blocs, global governance organizations as well as describing their integration into the commercial sector to produce hybrids that blur the distinction between public and private at every level of government activity. Again, it is no longer just a question of demonstrating how a large corporation “captures” a government by getting it to steer policies and resources to big business. Rather, we are witnessing the thorough integration of both forms of power in a transnationalization of political authority (Braman, 2007). As a result, intra-national social class divisions, which once occupied the bulk of social class analysis in political economy, are now less significant than transnational class divisions that restructure networks of power across nations”.

Pesquisas que partem de pontos de compreensão de resistências também estão entre as tendências da EPC, oferecendo bases de compreensão de uma variada matriz de questões que vão das mais gerais questões filosóficas sobre epistemologia e ontologia até muitas questões práticas como as técnicas para o desenvolvimento de pesquisas em ciências sociais (MOSCO, 2008, p. 52). Essa distinção de gênero da economia política oferece uma rica leitura de uma experiência que geralmente é descrita simplesmente como a consequência inevitável da mudança tecnologia e dos imperativos globais (MOSCO, 2008, p. 52).⁵ E aqui encontramos outra contribuição direta ao que será apresentado ao final desta dissertação, com a construção de novos sentidos para a contextualização dos homicídios a partir da análise de conteúdo do noticiário de A Tribuna.

Já a transição do foco das antigas para as novas mídias tem sido observada de três diferentes maneiras: a) uma mais tradicional, que vê apenas continuidade (ou endurecimento) das antigas características nas novas mídias; b) uma segunda vertente, que foca no que considera que as novas mídias trazem de disruptivo em relação às lógicas anteriores (que veem que as novas formas de comunicação estão além do controle do capitalismo, que como sempre dependeu da regulação agora encontra-se nas mãos das chamadas “multidões”); e c) uma terceira tendência (chamada de “cética”) que, em linhas gerais, observa que o entusiasmo a um possível caráter revolucionário associado à segunda tendência já esteve, na história, associado às antigas indústrias. Um balanço do autor é: “Demonstrar continuidade e uma ligação com uma cultura é importante. Mas também é importante retornar à economia política e documentar como tudo isso interessa ao estudo do poder”⁶ (MOSCO, 2008, p. 54-57).

Outra tendência da EPC é o crescente ativismo dos pesquisadores em relação aos assuntos mais importantes do momento na área de comunicação; e, mais especificamente, a práxis (MOSCO, 2008, p. 58), conforme, inclusive, se estabelece o ponto de partida desta pesquisa principal de mestrado, qual seja, contribuir, com a análise científica empírica e conceitual com o enfrentamento de um desafio relevante para a sociedade, enfrentamento este que também permite, de volta, contribuir com a compreensão global da EPC por meio dos estudos locais.

5 No original: “This gendering of political economy offers a rich reading of an experience that all too often is simplistically described as the inevitable consequence of technological change and global imperatives.”

6 No original: “Demonstrating continuity and a link to culture are important. But it also is important to return to political economy and to document how all of this matters for the study of power.”

Compreender a imprensa capixaba, portanto, passa inevitavelmente por estudar as indústrias culturais e midiáticas (ICM) brasileiras, estas atravessadas como marginais pelas lógicas globais, conforme se depreende também da observação do faturamento das maiores corporações mundiais em 2015 (MEDIA DATA BASE, 2017): segundo o site Media Data Base (do alemão Institute of Media and Communications Policy), apenas a Rede Globo (entre as corporações brasileiras) figurava entre as 100 corporações do mundo da área de mídia que mais faturaram em 2015 no mundo; a maioria dessas corporações era estadunidense ou europeia; e o faturamento da Globo (quase € 4 bilhões, na 47ª sétima posição no ranking) foi mais de 20 vezes inferior à da Alphabet (1ª colocada) (MEDIA DATA BASE, 2017). O faturamento da Alphabet (controladora do Google) em 2015 (MEDIA DATA BASE, 2017), por sua vez, equivale a duas vezes o total investido em mídia no Brasil em 2016 (KANTAR IBOPE MEDIA, 2017); e o faturamento de todas as empresas editoras de jornais impressos brasileiros, por sua vez, foi de R\$ 15 milhões (a TV, em diversas modalidades, recebeu R\$ 84 milhões). Ainda assim, os jornais impressos receberam mais publicidade que rádios e revistas, entre outras mídias (jornais ficaram em segundo lugar, depois das TVs, o que pode surpreender ao indicar a relativa vitalidade dessa mídia) (KANTAR IBOPE MEDIA, 2017).

Já segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia de 2016 (2017), 63% da população afirma usar a TV como meio de comunicação principal para se informar sobre o país; para 26%, a preferência é pela Internet; o rádio vem em seguida com 7%; e o jornal impresso tem 3%. A Internet é prioridade sobre a TV nas famílias com renda média mensal acima de R\$ 8.800,00. E, quando se pode indicar quais os dois principais veículos usados para se saber sobre notícias do Brasil, a TV chega a 89%; a Internet chega a 49%; o rádio vai a 30% e o jornal, a 12% (PESQUISA BRASILEIRA DE MÍDIA, 2017).

Em termos de estado do Espírito Santo, onde está o objeto de estudo para próximas etapas desta pesquisa (o noticiário sobre homicídios de mulheres), os dados percentuais são próximos aos brasileiros (PESQUISA BRASILEIRA DE MÍDIA, 2017). A diferença está especialmente na proporção, inclusive porque as quatro principais redes de comunicação locais (Gazeta, Tribuna, Vitória e Capixaba) são retransmissoras das maiores nacionais (Globo, SBT, Record e Bandeirantes), repetindo no estado o relacionamento entre grandes grupos empresariais e políticos com outras indústrias.

No caso capixaba, é notável o alinhamento editorial dessas maiores redes de comunicação com um grupo pequeno de grandes empresas locais e suas principais fornecedoras (grupo este politicamente organizado, desde 2003, em torno do Movimento Empresarial ES em Ação – inclusive com a participação das redes).

Nessas redes de comunicação locais em que os negócios principais são em torno da televisão, estão os jornais impressos com maior tiragem: A Tribuna (da Rede Tribuna), com 40.000 exemplares em média; A Gazeta (com 19.000 exemplares); e *Metro* (jornal internacional ligado à rede Bandeirantes no Brasil e, no estado, portanto, vinculado à TV Capixaba). Tiragens essas informadas no levantamento da Associação Nacional dos Jornais, que destaca que assim A Tribuna era o 19º maior jornal brasileiro (considerando apenas a tiragem) e A Gazeta era o 40º ⁷.

Esses dados apoiam uma leitura do jornal A Tribuna, por exemplo, como um braço quase irrelevante das ICM globais, mas ainda assim significativo: afinal, o jornalismo impresso ainda detém uma relevante fatia do mercado de comunicação nacional (o que é demonstrado, como visto, inclusive pelo percentual de faturamento que recebe do bolo das receitas entre as ICM brasileiras). Essas considerações permitem uma localização do jornal A Tribuna como parte marginal das ICM brasileiras, mas ainda assim parte relevante o suficiente para estar no grupo dos meios de comunicação de massa que recebem, em média, 12% do faturamento geral dessa indústria, atuando dentro das suas lógicas específicas industriais culturais e midiáticas: são cada vez mais indústrias de conteúdo; estão baseadas em modelos editorial (mesmo nos canais digitais, no caso da imprensa) ou de *flot* (no caso especial da radiodifusão, mas também da imprensa); dependem da publicidade e de outros dispositivos (cada vez mais crescentes) de promoção e estímulo (promoções de eventos e ofertas, clube de assinantes); convivem com facetas cada vez mais visíveis das indústrias de redes e materiais (migrando cada vez mais para relacionamentos digitais); e continuam concentrados e dependentes de outras áreas econômicas (como financiamentos de bancos e outras estratégias industriais).

As condições concretas com que realizam essas lógicas, por outro lado, são diversas das maiores ICM do mundo: fechamento de vagas e contratação irregular

7 Lista disponível em <http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/> Acesso em 13 jan. 2018.

de novos trabalhadores para substituir jornalistas⁸; atrasos de salários e outros direitos trabalhistas básicos⁹; a palavra é crise (como também no Brasil como um todo). E, no conjunto das estratégias globais das ICM, o poder de alcance das capixabas é muito menor, o que as torna ainda mais reféns de um contexto muito amplo e complexo de poder mesmo no contexto global da ICM. No caso dos jornais impressos capixabas, a gravidade da situação é analisada em pesquisas recentes que observam que as novas reduções de páginas e o corte de cadernos, em paralelo a grandes reduções de tiragens e demissões de profissionais, podem estar levando o negócio à extinção (pelo menos da forma como essa mídia se apresentou de maneira mais relevante nas últimas décadas) (CALDAS; REBOUÇAS, 2016; CALDAS; REBOUÇAS, 2017).

Por outro lado (em outra clara demonstração da complexidade da investigação necessária), essa crise notável (CALDAS; REBOUÇAS, 2016; CALDAS; REBOUÇAS, 2017) das ICM capixabas (identificada aqui com o caso dos jornais – os maiores, associados às maiores ICM estaduais, todas privadas) ainda não enfraquece o poder que estas exercem sobre o Governo do Estado (e vice-versa), conforme uma recente tentativa de se desenvolverem políticas públicas para a área de comunicação (REBOUÇAS; GENTILLI; PAES, 2015).

Articular essas pesquisas sobre essas relações enriquece a compreensão do fenômeno local e contribui com os movimentos globais de investigação da EPC (além da atuação e formação dos seus acadêmicos locais), conforme uma das tendências dessa área (MOSCO, 2008, p. 46), gerando os novos cruzamentos recomendados por Miège (MELO, 2009, p. 25-26). Sem perder de vista o que Mosco destaca com um balanço das novas tendências da EPC: “Demonstrar continuidade e uma ligação com uma cultura é importante. Mas também é importante retornar à economia política e documentar como tudo isso interessa ao estudo do poder”¹⁰

Esse estudo do poder (que perpassa as mediações culturais a respeito dos crimes contra as mulheres) dispõe do arcabouço desenvolvido por Michel Foucault, para quem “o poder é menos uma propriedade que uma estratégia, e seus efeitos

8 Como noticiou o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Espírito Santo em < <http://www.sindijornalistases.org.br/reforma-trabalhista-rede-gazeta-demite-profissionais-e-anuncia-contratacao-de-parceiros/>>. Acesso: 2 fev. 2018.

9 Como noticiou o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Espírito Santo em < <http://www.sindijornalistases.org.br/em-acao-contra-atrasos-salariais-tribuna-e-multada-por-protelar-julgamento/>>. Acesso: 2 fev. 2018.

10 No original: “Demonstrating continuity and a link to culture are important. But it also is important to return to political economy and to document how all of this matters for the study of power.”

não são atribuídos a uma apropriação, ‘mas a disposições, a manobras, táticas, técnicas e funcionamentos’; ‘ele se exerce mais do que se possui’” (DELEUZE, 2005, p. 35); e,

(...) se o poder não existe senão em ato, então é a questão é ‘como’ que ele retorna para analisar suas modalidades de exercício, isto é, tanto à emergência histórica de seus modos de aplicação quanto aos instrumentos que ele se dá, os campos onde ele intervém, a rede que ele desenha e os efeitos que ele implica numa época dada. Em nenhum caso, trata-se, por consequência, de descrever um princípio de poder primeiro e fundamental, mas um agenciamento no qual se cruzam práticas, os saberes e as instituições, e no qual o tipo de objeto perseguido não se reduz somente à dominação, pois não pertence a ninguém e varia e varia ele mesmo na história. (REVEL, 2005, p. 67)

Há também nos estudos de Foucault “um esquematismo a ser evitado [...] que consiste em localizar o poder no aparelho de Estado e em fazer do aparelho de Estado o instrumento privilegiado, capital, maior, quase único do poder de uma classe sobre outra classe” (REVEL, 2005, p. 67). Ou seja, localizar as relações de poder perpassando as lutas da sociedade e o trabalho da imprensa. Sem perder de vista a recomendação de Foucault para que os estudos sobre o poder, além de terem suas conceituações definidas a partir dos objetos estudados, também as tenham com esses objetos localizados historicamente (FOUCAULT, 1995, p. 232) – que desemboca em estímulo a atenção às experiências específicas:

Gostaria de sugerir uma outra forma de prosseguir em direção a uma nova economia das relações de poder, que é mais empírica, mais diretamente relacionada à nossa relação presente, e que implica relações mais estreitas entre a teoria e a prática (FOUCAULT, 1995, p. 234).

Há ainda em Foucault a constatação da relação de poder como criadora, estabelecida entre sujeitos livres, em contraposição a um conceito de que um dos polos da relação de poder esteja totalmente submetido ao outro (FOUCAULT, 1995, p. 234). E a demanda (para o estudo das relações de poder) de se “analisar as instituições a partir das relações de poder” (FOUCAULT, 1995, p. 235), seguida (a demanda) do estabelecimento de pontos para a análise das referidas relações: a) o sistema de diferenciações; b) o tipo de objetivos perseguidos; c) as modalidades instrumentais; d) as formas de institucionalização; e e) os graus de racionalização (FOUCAULT, 1995, p. 236).

Alerta exemplar para o estudo da comunicação também está em Foucault quando este distingue “relações de comunicação” das “relações de poder”: “a produção e a circulação de elementos significantes podem perfeitamente ter por objetivo ou por consequências efeitos de poder, que não são simplesmente um aspecto destas” – “têm a sua especificidade” (FOUCAULT, 1995, p. 240). São relações que, estando sempre imbricadas, apoiam-se reciprocamente e servem-se mutuamente de instrumento (FOUCAULT, 1995, p. 241). Ao ponto deste pensador identificar, no conteúdo das notícias, as dinâmicas, as relações de “disciplinarização das sociedades”: “um ajuste, cada vez mais controlado – cada vez mais racional e econômico – entre as atividades produtivas, as redes de comunicação e as atividades de poder” (FOUCAULT, 1995, p. 242).

Para compreender essas relações de poder em um contexto específico de sociedade articulada em torno da comunicação de massa, colaboram com o campo científico da comunicação as pesquisas contemporâneas sobre territórios e territorialidades (estas, como que suas dinâmicas). Mesmo o global se realiza, de diferentes maneiras, em cada local, em cada território, não fora dessas unidades.

Mesmo nas ciências, o conceito de território é usado de maneira muito diversa. A reconstrução histórica do conceito é realizada por pesquisadores como o professor de geografia da Universidade Federal Fluminense (UFF) Rogério Haesbaert, em seu livro “O Mito da Desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade” (2011). Nele, inicialmente e de maneira geral, Haesbaert mostra que, enquanto a compreensão decorrente dos processos de globalização parece indicar um enfraquecimento dos territórios, há, ao contrário, um fortalecimento desses lugares (reterritorializações), pois é neles mesmos que os processos de poder globais (além das resistências a eles) agora se articulam de maneira cada vez mais complexa, dinâmica, variada – neles que se estabelecem agenciamentos.

Na genealogia do conceito de território, Haesbaert o encontra, por exemplo: na Etologia, ramo na Zoologia que tem o território como área defendida por um animal para sobreviver; na Economia, significando uma área de vigência de um tratado comercial; na Antropologia, como uma região ocupada por uma comunidade; e na Ciência Política, como nos Estados-Nação (HAESBAERT, 2011, p. 36-37). Observando em seguida os aspectos políticos, sociais, econômicos e naturais que compõe um território de maneira articulada, o pesquisador constrói um conceito de território multidimensional, que envolve sempre, ao mesmo tempo, uma dimensão

simbólica, cultural, ao mesmo tempo que uma dimensão mais concreta, de caráter político-disciplinar (e político econômica) (HAESBAERT, 2011, p. 94).

Dimensão simbólica que, dada sua configuração relacional, leva o autor a caminhar para o conceito de que sempre se vivem territorialidades: articulações temporárias em torno de territórios (mais do que meras características ou construtoras de territórios).

Territorialidades, além da acepção genérica ou sentido lato, onde é vista como a simples 'qualidade do território', é muitas vezes concebida em um sentido estrito como a dimensão simbólica do território. Ao falar-se de territorialidade estar-se-ia dando ênfase ao caráter simbólico, ainda que ele não seja o elemento dominante e muito menos esgote as características do território (HAESBAERT, 2011, p. 74).

Isso nos aproxima do jornalismo porque este é um dos construtores e direcionadores privilegiados dessa dimensão simbólica. Daí também a relevância de estudar a relação da imprensa capixaba com os homicídios de mulheres para enfrentar este desafio.

Haesbaert encontra assim um conceito de territorialidade que denomina "relacional": "o conjunto de relações estabelecidas pelo homem enquanto pertencente a uma sociedade, com a exterioridade e a alteridade através do auxílio de mediadores ou instrumentos".

As formas mais familiares de territorialidade humana são os territórios juridicamente reconhecidos (...), mas a territorialidade se manifesta também em diversos outros contextos sociais. (...) 'a territorialidade é uma expressão geográfica básica do poder social. É o meio pelo qual espaço e sociedade estão inter-relacionados' (SACK, 1986, p. 5 apud HAESBAERT, 2011, p. 87).

Compreender essa articulação simbólica e concreta das dinâmicas (territorialidades) globais e locais que atravessam o jornalismo e a sociedade capixaba, portanto, é necessário para se obter novas e ajustadas coberturas dos homicídios femininos de forma que, então, as notícias possam contribuir mais decisivamente para a redução dos crimes.

Quem atua sobre cada território o territorializa, em cada momento, em cada espaço, em uma relação inseparável entre estes dois fatores (tempo e espaço) (HAESBAERT, 2011, p. 287) (uma crítica ao "mito da desterritorialização" típico pós-moderno, que, com a globalização vê menos relevância para o lugar do que para o

tempo). E, com a dominância do componente rede na constituição dos territórios (assim como a fluidez crescente dos espaços), é possível afirmar que o mundo “moderno” das territorialidades contíguas está cedendo lugar ao mundo das múltiplas territorialidades, ativadas de acordo com os interesses, o momento e o lugar em que nos encontramos (HAESBAERT, 2011, p. 337).

Mais do que ‘território’ unitário como estado ou condição clara e estaticamente definida, devemos priorizar assim a dinâmica combinada de múltiplos territórios ou ‘multiterritorialidade’ (...), principalmente agora que a(s) mobilidade(s) domina(m) nossas relações como o espaço. Essas dinâmicas se desdobram num *continuum* que vai do caráter mais concreto ao mais simbólico, sem que um esteja dicotomicamente separado do outro. No caso de um indivíduo e/ou grupo social mais coeso, podemos dizer que eles constroem seus (multi)territórios integrando, de alguma forma, num mesmo conjunto, sua experiência cultural, econômica e política em relação ao espaço (HAESBAERT, 2011, p. 341).

Assim, mais do que novas formas, interessam as novas relações (multiterritorialidades) que os múltiplos espaços simbólicos permitem construir, mediadas e moldadas na/pela materialidade do espaço, significando e funcionalizando esse espaço, ainda que num nível individual (HAESBAERT, 2011, p. 350). E, à compreensão da centralidade da comunicação (MARTÍN-BARBERO, 2002) na constituição da multiterritorialidade (HAESBAERT, 2011) que é compartilhada pela sociedade no Espírito Santo, vale ainda acrescentar duas outras grandes contribuições dos estudos contemporâneos sobre territorialidades: as dos geógrafos Doreen Massey e Milton Santos.

Em seu livro “Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade”, Massey (2008) mescla reflexões teóricas com histórias do cotidiano para refletir sobre como as reflexões sobre espaço moldam nossa existência, nossa política, no mundo. Para ela, “se o tempo é a dimensão da mudança, então o espaço é a dimensão do social: da coexistência contemporânea de outros” (MASSEY, 2008, p. 15). Dessa ampla reflexão de Massey, ilustrada com histórias didaticamente reconstruídas a respeito inclusive de espaços entre os mais afetados pelo capitalismo mais avançado e globalizado (como Londres, metrópole financeira internacional, e as novas empresas do Vale do Silício), destacam-se algumas observações que podem ser vistas como fatores para compreensão das dinâmicas das territorialidades contemporâneas. São fatores que também contribuem para a compreensão da multiterritorialidade em que

o jornalismo capixaba noticia e contextualiza os homicídios femininos, e que inclusive são úteis para avaliar a qualidade da contextualização realizada e necessária dos crimes.

Uma primeira dessas dinâmicas é a transitoriedade de todos os espaços, de todos os lugares, mesmo aqueles naturais com componentes que podem ser considerados mais estáticos, como grandes monumentos naturais. Todos são transitórios, destaca Massey, em seu capítulo “O caráter elusivo do lugar”, em que usa figuras como “rochas migrantes” e “O lugar como eventualidade” para se referir tanto aos elementos naturais, quanto aos simbólicos a eles sempre associados; mas também para destacar a inevitabilidade dessa imbricação nem sempre considerada (e esta é a segunda dinâmica) (MASSEY, 2008, p. 190-210).

A apropriação para o estudo da contextualização dos homicídios, aqui, certamente não será na identificação de uma posição transitória do Espírito Santo nos rankings nacionais de violência. Mas, por outro lado, no favorecimento do encontro do que, apesar da persistência dos altos índices, muda com o passar o tempo – se não nos índices, pelo menos na sociedade e na imprensa, sendo todos esses elementos importantes para se compreender, qual seja, num outro extremo, a grave permanência do problema social.

Outra dinâmica (terceira) das multiterritorialidades seria a configuração destas por trajetórias relacionais e necessariamente conflitivas. Em outras palavras, a configuração de cada espaço se dá, a cada momento, pelo estado em que as relações entre os seres que nele atuam (inclusive os não-vivos, como uma grande montanha de pedra, e os ausentes). Estas dinâmicas estão nos três capítulos seguintes do livro (MASSEY, 2008, p. 211-274).

Essa dinâmica, por sua vez, reforça o relacionamento dos atores e de suas respectivas dinâmicas na produção da configuração da territorialidade onde os homicídios persistem numerosos. São relações que, segundo Massey, mesmo quando não percebidas, são de conflitos, e assim, portanto, devem ser observadas – inclusive dentro das partes das notícias onde os jornalistas produzem contexto.

São reflexões também encontradas em Haesbaert. Porém, em Massey, estão mais especificadas, em meio às suas análises. Por exemplo, está no livro de Massey a seguinte defesa, que pode ser alinhada à de Haesbaert.

A verdadeira questão sociopolítica diz menos respeito, talvez, ao *grau* de abertura/fechamento (e à consequente questão de

como, de que maneira, poderíamos mesmo começar a medi-la) do que aos *termos* em que essa abertura/fechamento é estabelecida. Os limites são erguidos contra o quê? Quais são as relações dentro das quais a tentativa de negar (e admitir) a entrada é levada a cabo? Quais são as geometrias de poder aqui? E elas exigem uma resposta política? (MASSEY, 2008, p. 253).

E ainda:

Local / global em si mesmo não pode ser uma superfície apropriada ao longo da qual se constitui o antagonismo político. As questões políticas tornam-se, não se [deve haver] globalização *ou não*, mas que tipos de inter-relações irão construir uma globalização alternativa e, assim, não simplesmente uma defesa do lugar-como-ele-é, mas o projeto político da natureza dos lugares dentro dele. (p. 255).

O que é uma contribuição direta ao capítulo deste trabalho dedicado ao que fazer com o resultado da análise de conteúdo contextualizada e combinada com a atual referência nacional da melhor forma de se noticiar os homicídios de mulheres: “o que se fazer” deve buscar alcançar redefinições de “como” se fazer jornalismo.

Já de uma das últimas obras de Milton Santos, “A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção” (2006), extraem-se outras dinâmicas das multiterritorialidades contemporâneas: a força do lugar; e as verticalidades e as horizontalidades. Sobre a força do lugar, Milton Santos busca valorizar as multiterritorialidades específicas de cada lugar com mais intensidade do que Massey e Haesbaert (deve-se possivelmente ao pensador encontrar neles as dinâmicas com maior potencial de criação de alternativas ao capitalismo) (SANTOS, 2006, p. 222).

Os lugares, desse ponto de vista, podem ser vistos como um intermediário entre o Mundo e o Indivíduo, (...) a lógica do desenvolvimento dos sistemas sociais se manifesta pela unidade das tendências opostas à individualidade e à globalidade (SANTOS, 2006, p. 212).

Mas a reflexão de Milton Santos também é afinada à dos dois outros geógrafos considerados neste trabalho (MASSEY [2008] e HAESBAERT [2011]), apontando para a “redescoberta da dimensão local” (SANTOS, 2006, p. 212). É nesse “local”, nesse “lugar”, portanto, que não apenas vamos encontrar as dinâmicas que permitem a persistência dos altos índices de homicídios, como as dinâmicas que permitem seu enfrentamento – é preciso então notar e compreender essas dinâmicas, o que a análise de conteúdo poderá permitir aflorar. Assim como

Martín-Barbero, Santos toma especialmente as metrópoles latino-americanas como objetivo de estudo empírico.

(...) nas condições atuais (...) existem duas situações tipo em todas as grandes cidades. Há, de um lado, uma economia explicitamente globalizada, produzida *de cima*, e um setor produzido *de baixo* (...). Cada qual é responsável pela instalação (...) de divisões de trabalho típicas. (...) a primeira é rígida, dependente de normas implacáveis, de cuja obediência depende a sua eficácia. Diz-se destas normas que são complexas por causa do seu conteúdo científico e tecnológico (...). Mas (...) são as mais complexas? (SANTOS, 2006, p. 219).

A resposta é negativa. Para Santos, a complexidade das dinâmicas das forças globais (verticalidades) é enfrentada, de maneira muito mais criativa, múltipla, pelas redes locais de sobrevivência dos pobres, dos lentos (SANTOS, 2006, p. 220). “É a vitória da individualidade refortalecida, que ultrapassa a fronteira das *práxis* repetitivas e se instala em uma *práxis* libertadora, a *práxis* inventiva (...)” (SANTOS, 2006, p. 222). Essas dinâmicas são as horizontalidades.

No *meio* local, a rede praticamente se integra e dissolve através do trabalho coletivo (...). A esse recorte territorial, chamamos de *horizontalidade*, para distingui-lo daquele outro recorte, formado por pontos, a que chamamos de *verticalidade* (...) (SANTOS, 2006, p. 227).

Essas dinâmicas observadas por Milton Santos também são promissoras, do ponto de vista de poderem auxiliar na análise das multiterritorialidades.

A partir de todas essas compreensões dos estudos sobre territórios e territorialidades, estudar o conteúdo sobre violência na imprensa capixaba passa a implicar também, portanto, em pelo menos: a) com Martín-Barbero, considerar a imprensa como um local ainda mais privilegiado da sociedade para a luta contra os homicídios, sendo fundamental, portanto, sua presença e a dos atores envolvidos, e também o debate sobre a ela própria nesse contexto; b) com Haesbaert, compreender ainda mais detalhadamente a relevância de o conteúdo da imprensa buscar abarcar os projetos de construção dessa luta por meio dos diversos atores sociais envolvidos (saibam eles ou não); c) com Massey, buscar identificar as trajetórias (aparentemente conflitivas ou não) entre os atores da questão, mapeando suas relações ao longo do tempo e dos espaços; e, d) com Milton Santos, observar as dinâmicas que podem ser verticalidades e horizontalidades, como ferramenta

para identificar novas características desses movimentos na territorialidade capixaba.

Em resumo, as contribuições dos estudos de territorialidades aos da comunicação permitem tanto localizar a imprensa na territorialidade capixaba dos altos índices de homicídios, quanto buscar mapear, no conteúdo da imprensa, as dinâmicas da sociedade capixaba a respeito da questão, para por fim serem descobertas saídas para o problema. Articulações que nem são novas:

Os anos 70 foram marcados pelo estudo das lógicas de desterritorialização, com ênfase nas estratégias dos macrosujeitos (Estados Unidos, grandes organismos internacionais, firmas multinacionais). As problemáticas das décadas seguintes são mais atentas às lógicas de reterritorialização, aos processos de mediação e negociação entre as exigências externas e as realidades singulares. O questionamento da concepção essencialista do “universal” e do “logos” ocidental suscita outros autores na produção de conceitos e teorias. Disso dão mostras os estudos antropológicos sobre as culturas transnacionais e as identidades em conflito com o fluxo da modernidade global, que tanto na Ásia como na América Latina se interrogam sobre os complexos processos de apropriação e reapropriação, de resistências e mimetismos. Novos conceitos exprimem esse desejo de uma melhor abordagem dessas articulações sutis: criouliização, mestiçagem, hibridização ou modernidade alternativa (...). Esse mesmo desejo inspira as pesquisas sobre a genealogia dos gêneros audiovisuais locais, que provocam, nos territórios particulares, a adesão do grande público (MATTELART, 1999, p. 169).

Articular afinal os estudos de comunicação, poder e territorialidades é característico das pesquisas científicas do campo da comunicação:

Para nós, pesquisadores da comunicação, mais do que recolher e constatar o olhar singular de sujeitos ordinários e seus possíveis discursos contestatórios, bem como ressaltar diferenças e falar em pluralidade, não nos cabe também unificar essas críticas e contribuir para a constituição de um discurso crítico na sociedade? De um novo olhar sobre a realidade comunicacional – e através dele, da realidade como um todo? (FRANÇA, 2014, p. 114).

Assim, aceitando o desafio de Bruno Latour (1994) em seu livro “Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica”, quando ele provoca a academia a superar separações “modernas” entre ciência e realidade que, se por um lado foram fundamentais para o desenvolvimento do conhecimento científico e hoje se constituíram estado irreversível do mundo, agora parecem dificultar a compreensão

das multiterritorialidades como redes – superação que pode facilitar à humanidade o encontro de soluções para alguns dos seus problemas mais cruciais (LATOUR, 1994, p. 16).

3. ANÁLISE DE CONTEÚDO DA CONTEXTUALIZAÇÃO DAS NOTÍCIAS

A pesquisa empírica desenvolvida para a produção desta dissertação buscou compreender como se deu a contextualização dos crimes contra a vida das mulheres na imprensa capixaba, por meio de uma análise de conteúdo do noticiário de um ano do jornal A Tribuna a respeito desses tipos de crimes perpetrados em todo o estado do Espírito Santo. Outros estudos sobre a cobertura da imprensa já têm sido realizados, mas há carência de investigação científica focada na contextualização (conforme apresentado no capítulo 1).

A importância da contextualização é ressaltada da seguinte forma por Prado:

Não basta noticiar o crime, é importante contextualizar a violência, procurando saber se no caso específico havia um histórico de ocorrências anteriores e se a vítima buscou ajuda. A partir do problema individual, é necessário estabelecer uma conexão com os aspectos socioculturais envolvidos, como noções de desigualdade de direitos e sentimentos como posse, controle e direito sobre o corpo e a vida das mulheres (PRADO, 2017, p. 144).

Desde os primeiros passos desta pesquisa, ainda durante a seleção das notícias, foram observadas características relevantes relacionadas aos perfis das fontes selecionadas pelos jornalistas para falar a respeito dos crimes contra a vida das mulheres. Fontes que, até mesmo pela posição que ocupam, tendem a enviesar a compreensão dos crimes. E, entre as fontes encontradas com maior frequência desde o começo da pesquisa nas notícias com contextualização, estavam as policiais e as do Poder Judiciário – o que necessariamente indica ao leitor do jornal que a recorrência dos crimes é caso de polícia ou judicial, em favor, portanto, de uma compreensão da maioria dos casos como casos isolados, e não recorrentes. Porém, essa compreensão poderia dispor também, por exemplo, da visão de

lideranças dos movimentos sociais e de especialistas em questões históricas, sociais e culturais.

As fontes de informação mais ouvidas pelos jornalistas são os representantes da segurança pública, como policiais e delegados, seguidos pelos advogados dos réus. Raramente promotores e juízes são consultados, sendo que, na maioria das matérias, gestores de políticas públicas não são interpelados (PRADO, 2017, p. 149).

Além disso, em questão está a situação de um estado que, já em 2015 (ano anterior ao pesquisado pelo noticiário), era nacionalmente reconhecido por suas altas taxas de crimes contra a vida. No 9º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, lançado em outubro de 2015¹¹, o estado aparece com a sexta maior taxa de homicídios do país, com 39,4% - logo, quase 50% maior que a média nacional para o período estudado (2013-2014). O próprio jornal A Tribuna, ainda em 25/04/2015, abordou o estado do Espírito Santo como “primeiro lugar no ranking nacional de homicídios contra a mulher durante dez anos” – afirmação encontrada no meio da notícia “Doze mulheres mortas por ciúmes”, conforme marcado em cor verde:

11 Como se lê na notícia “Entidades divulga Mapa da Violência 2015: Homicídio de Mulheres no Brasil”, publicada no seguinte link do site do Senado Federal de 09/11/2015: <https://www12.senado.leg.br/institucional/procuradoria/comum/entidades-divulgam-mapa-da-violencia-2015-homicidio-de-mulheres-no-brasil>

Polícia

FALE COM A EDITORA GIOVANNA SANTOS E-MAIL: policia@redetribuna.com.br



Carine Cunha, 21 anos



Valcinea Ribeiro da Silva, 39 anos



Michelly da Silva Guss, 27 anos



Jussimaria Lopes Costa, 37 anos



Sabrina Souza e Silva, 16 anos



Jaiane Cláudia, idade não divulgada



Jamilé Cristiner Pereira Novais, 24 anos



Leticia Soares, 19 anos



Ana Clara Félix Cabral, 19 anos



Livia Bernardino, 24 anos



Almerinda Lopes, 36 anos



Ana Cláudia Mercilio Fernandes, 31 anos

FOTOS DE MULHERES que foram assassinadas este ano no Estado em crimes cometidos em nome do ciúme. Número suprou o de assassinatos ligados ao tráfico de drogas, segundo delegado

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Doze mulheres mortas por ciúmes

Esse é o número de vítimas de crimes passionais no Estado, que aumentaram em relação ao mesmo período do ano passado

Flávia Rodrigues

Vítimas do ciúme. Esse tem sido, cada vez mais, o destino trágico de mulheres no Estado. Este ano, pela primeira vez, o número de homicídios de mulheres por motivo passionais foi maior que qualquer outro motivo. Foram pelo menos 12 mortes no Estado com esta motivação.

O Espírito Santo ocupou o primeiro lugar no ranking nacional de homicídios contra a mulher durante 10 anos e só foi ultrapassado por Roraima no ano passado, segundo o titular da Delegacia de Homicídio e Proteção à Mulher (DHPM), delegado Adroaldo Lopes.

Neste ano, até o dia de ontem, somente na Grande Vitória, foram

registrados 32 homicídios contra mulheres, sendo oito mortes por crime passionais, seis por envolvimento no tráfico e 18 por outros motivos. Pelo menos mais quatro outros casos de morte por ciúmes aconteceram em outras regiões do Estado e foram noticiados pela reportagem de A Tribuna.

Lopes afirma que há dificuldade de prevenir o crime passionais, já que, geralmente, acontece dentro do lar. Para ele, o uso de álcool e drogas, na maioria dos casos, é o combustível para a agressão. "Podemos afirmar que 99,9% das vezes, a ira de um homem é potencializada pelo efeito de álcool ou

de droga. Sobre o efeito desses elementos, ele perde o freio e comete o crime".

Segundo o delegado, a mulher também deve evitar provocações. "O embate pode ser o estopim para que o homem perca a cabeça".

Mesmo com a aprovação da nova qualificação de homicídio, o feminicídio - crime praticado contra a mulher por razões da condição de sexo feminino -, o delegado não acredita que esse agravante iniba o crime por partes dos homens.

"A lei não intimida. Um papel escrito não impede ninguém de cometer um crime, se fosse assim não haveria mais crime. Um povo educado vai ser, fatalmente, um povo menos violento. O crime não seria extinto mas diminuiria".

Segundo o delegado, a DHPM é a única delegacia especializada em homicídios contra mulheres no Brasil e possui média de 56% dos inquéritos resolvidos, enquanto a média do País é de 8%.

Para ele, a decisão de trabalhar com um crime específico dá condições de ter uma investigação melhor e mais rápida.

OS NÚMEROS

32 mortes de mulheres este ano na Grande Vitória

8 crimes foram passionais



DELEGADO Adroaldo: álcool e drogas são combustíveis para a agressão

Ameaça é sinal de alerta

Um comportamento agressivo, ofensas e ameaças são atitudes que costumam evoluir para crimes contra as mulheres, conforme disse a delegada da Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (Deam) de Cariacica, Michelle Meira.

"A falta de respeito no início de um relacionamento é um indicio de uma futura violência. Difícilmente vemos casos em que o homem realmente muda, como é a esperança de muitas mulheres que retiram as queixas".

Para a delegada da Deam de Vitória, Armanda Rodrigues, leis mais rígidas não inibem os crimes. "Eles não querem nem saber. Se ele tem um perfil agressivo, é capaz de um crime", explicou.

Trata-se de uma questão cultural, explica a delegada da Deam de Vila Velha, Maria Aparecida Sfalini. "Em nossa cultura patriarcal, muitos homens não evoluíram. Infelizmente é o ciúme que está por traz disso".

"Hoje vemos mulheres que passaram a tomar o controle das famílias, alguns homens têm dificuldades de aceitar o convívio social e a independência da mulher", concordou a delegada da Deam de Cariacica.

A delegada de Vitória afirma que o trabalho da delegacia é preventivo e acredita que a maioria das mulheres que é vítima de crime passionais nunca procurou uma delegacia para denunciar a violência. "Elas têm medo de denunciar, e o companheiro ir preso e, por isso, o pior acaba acontecendo".

"Infelizmente percebemos mulheres que sofrem violência e, ainda assim, protegem os homens, não aceitam mandados de prisão. Isso é uma loucura. Algumas parecem procurar um fim trágico", afirmou Sfalini.

A delegada Armanda Rodrigues alerta que é de extrema importância as mulheres procurarem uma delegacia em qualquer situação de perigo.

ELSON CABRAL FILHO PAI DE UNIVERSITÁRIA ASSASSINADA

"O crime mais covarde de todos"

Uma das vítimas de violência contra a mulher este ano foi a universitária Ana Clara Félix Cabral, 19 anos, morta com cinco tiros em fevereiro, o acusado é o namorado, soldado da PM Itamar Rocha, 24, que está preso. O pai da jovem, o engenheiro civil Elson Cabral Filho, conversou com a A Tribuna e disse que a punição para esse crime deve ser mais severa.

A TRIBUNA - Com o aumento do número de crimes contra as mulheres no Estado, que conselho daria às mulheres em um relacionamento?

ELSON CABRAL FILHO - Aconselho as mulheres a terem mais cautela, que se envolvam de maneira mais cautelosa. Tentar co-

nhecer o companheiro. Em qualquer cordeiro pode se esconder um lobo. A minha dor é constante, deito e acordo com ela, é bom que a sociedade reflita sobre isso.

> A que você associa esse aumento de crimes por ciúmes?

ELSON - Impunidade. Mesmo a justiça sendo aplicada, mesmo condenados, os assassinos sabem que não vão ficar muito tempo na cadeia. A lei deveria ser severa. A punição para esse crime não é suficiente.

> No crime envolvendo sua filha, o que espera da Justiça?

ELSON - Eu e minha família nos sentimos impotentes porque sabemos que mesmo a Justiça sendo feita, ainda será pouco pra um crime tão cruel, o crime mais covarde de todos.

O processo na Justiça está andando. Soube que a Corregedoria da PM solicitou que o julgamento da expulsão dele (Itamar) ficasse a cargo da PM. E a PM sempre nos demonstrou a vontade de expulsá-lo e é isso que esperamos.



ELSON com a foto da filha Ana

Mesmo reportagens com página inteira para crimes contra a vida de mulheres que envolvem fontes policiais ou da Justiça deixam de apresentar qualquer contextualização, como a seguinte:

Polícia

FALE COM A EDITORA GIOVANNA SANTOS E-MAIL: policia@redetribuna.com.br



UM DIA ANTES DO CRIME, na terça-feira, o ex-vereador Natalino Botelho foi preso na Lei Maria da Penha, acusado de agredir a mulher, Nádia Guerra, em casa.

CRIME PASSIONAL

PM mata a mulher a tiros e foge com filho

Por não aceitar o divórcio, o sargento Natalino Botelho, que é ex-vereador, matou a mulher Nádia Guerra, em São Gabriel da Palha

Nilo Tardin
Tais de Hollanda
Katherine Paiva

O sargento da reserva da PM e ex-vereador Natalino Fernandes Botelho, 65 anos, é acusado de matar a mulher a tiros na noite de quarta-feira, e fugir com o filho, de 15, em São Gabriel da Palha, noroeste do Estado. Ele acabou preso na noite de ontem.

O crime aconteceu às 19h30, no quarto do casal, na rua Doutor Fernando Serra, centro da cidade. A bioquímica Nádia Helena Guerra, 56, foi executada com quatro ti-

ros e a polícia investiga o caso como passional.

O delegado de São Gabriel da Palha, João Seidel Junior, afirmou que o sargento não aceitava o pedido de separação. Um dia antes do crime, na terça-feira, Natalino foi preso na Lei Maria da Penha, acusado de agredir Nádia em casa.

"Ela denunciou o marido por ter dado um soco nas costelas dela e por tê-la ameaçado de morte. Ele estava prestes a ser levado para o quartel da PM, em Vitória, mas foi solto ao pagar fiança", contou o delegado.

Na quarta-feira, o casal passou o dia tranquilo, mas, à noite, o sargento invadiu o quarto da vítima e matou. "Os vizinhos ouviram gritos desesperados da mulher dentro de casa e, em seguida, tiros", contou João Seidel Junior.

De acordo com a Polícia Militar, Nádia foi encontrada caída de bruços perto da cama do quarto de casal. Trajava roupa de dormir, havia

um lanche dentro do prato e a TV estava ligada segundo a polícia.

A bioquímica levou tiros a curta distância, sendo dois na nuca, um tiro no rosto e outro no braço esquerdo, segundo a perícia.

FUGA

O acusado fugiu num Fox branco com o filho mais novo do casal, um adolescente de 15 anos, portador da Síndrome de Down. Segundo familiares da vítima, câmeras registraram o acusado abastecendo o carro em um posto na cidade e sacando dinheiro em um caixa.

Ontem, o acusado foi preso após um cerco das polícias Civil e Militar montado em Mantena (MG) e negou o crime. "O adolescente será entregue a familiares", afirmou o superintendente da Polícia Civil do Norte Landulpho Lintz.

Nádia era casada com o acusado há 23 anos e deixa três filhos: um de 15 anos e dois jovens, de 18 e 19, que estudam Medicina.



A BIOQUÍMICA Nádia Guerra levou tiros a curta distância, sendo dois na nuca, um tiro no rosto e outro no braço esquerdo, segundo a perícia da Polícia Civil.

Decretado luto de 3 dias no município

DEPOIMENTOS

"Uma brutalidade"

"Nádia era minha prima. O que aconteceu foi uma brutalidade. Ele fazia ameaça a Nádia e aos filhos. É preciso mais rigor da lei".



Gilson Amaro, 70 anos,
ex-deputado estadual

"Sempre sorrindo"

"É um absurdo. Doutora Nádia era uma boa pessoa. Ajudava as pessoas. Estava sempre sorrindo. Dizem que fazia de tudo por ele".



Monica Rodrigues, 34 anos,
costureira

"Sem explicação"

"É o tipo de coisa sem explicação. Conversava como sargento Natalino e nunca imaginei que teria uma atitude assim. Esse crime deixou a cidade assombrada".



Levinio Gregório Filho, 73 anos,
ambulante

A Prefeitura de São Gabriel da Palha decretou ontem, luto oficial de três dias no município por causa do assassinato da bioquímica Nádia Helena Guerra, segundo informou o prefeito Henrique Vargas, durante o velório da bioquímica, que ocorreu em Colatina.

O prefeito Henrique acentuou que Nádia Helena era funcionária estadual e que estava à disposição do município para o qual prestava serviços de exames de laboratório. "Ela era uma mulher querida na cidade. Muita conhecida. Uma tragédia para a cidade", afirmou o prefeito.

O velório foi realizado sob escolta policial, no saguão da Loja Mágica Nilo Peçanha, no bairro

Marista.

Sob forte comoção, o corpo de Nádia foi sepultado ontem, por volta das 17h30, no cemitério de São Zenon, interior de Colatina.

"Não se deve pagar para ver", resumiu o comandante do 8º Batalhão de Polícia Militar de Colatina, tenente-coronel Rômulo Dias, ao justificar a presença de militares do lado de fora do velório, diante das ameaças do autor do crime, o sargento da reserva da PM Natalino Botelho.

"Por precaução, vamos acompanhar o cortejo até o sepultamento", frisou Dias.

A emoção e a dor marcaram a missa de corpo presente celebrada na despedida da bioquímica Nádia

Guerra, com a presença dos filhos de 18 e 19 anos.

CRIME

O ex-deputado Gilson Amaro destacou que o sargento Natalino era um homem desequilibrado e agressivo. "Eles estavam se divorciando. Isso teria provocado a morte dela", frisou.

De acordo com familiares da vítima, o sargento Natalino teria premeditado o crime, pois, segundo eles, o PM teria sacado R\$ 1 mil no banco, dado comida e vestido o filho de 15 anos, que é portador de Síndrome de Down. Em seguida, teria arrombado a porta, matado a mulher com quatro tiros e fugido com o garoto.



EMOÇÃO NO VELÓRIO da bioquímica Nádia Helena Guerra, com a presença dos familiares e amigos, após ser assassinada pelo próprio marido

DALVA REBINSKI VIZINHA DO CASAL "Tive medo. Depois dos disparos, ficou o silêncio"

A dona de casa Dalva Rebinski, 60 anos, ouviu agonia que antecedeu a morte da bioquímica Nádia Guerra, 56 anos. Ela, que é vizinha do casal há nove anos, conversou com a reportagem de **A Tribuna**.

A TRIBUNA - O que a senhora ouviu?

DALVA REBINSKI - Eu me preparava para dormir quando ouvi gritos muito altos, assustadores. Pedidos de socorro. Ouvi um barulho forte, como se alguém tivesse quebrado algo dentro de casa. Primeiro, ouvi três tiros. Um quarto tiro foi disparado em seguida.

> Qual a atitude tomou?

Fiquei desorientada. Com medo. Depois dos disparos, ficou o silêncio. Chamei a vizinha. Enquanto isso, o sargento Natalino saiu de casa calmamente, tirou o carro da garagem. Saiu do veículo, fechou o portão e saiu. A vizinha ligou para Nádia, que não atendeu.

> Percebeu se tinha alguém dentro do carro?

Não. Estava escuro. Fiquei quieta em casa. Como ninguém respondia, chamamos a polícia. A secretária da doutora Nádia chegou com as chaves. Entraram na casa e quando saíram já era meia-noite. Ai soubemos do que havia acontecido.

Ou então envolvem estas fontes que relacionam esses crimes com outros, porém sem nem usar as estatísticas locais, como a seguinte:

2 ATRIBUNA VITÓRIA, ES, SEGUNDA-FEIRA, 22 DE FEVEREIRO DE 2016

Reportagem Especial

CRUELDADE

Nutricionista implorou para viver

Rafael Lima confessou à polícia ter atirado em Camila Lopes para roubar o carro. Seis suspeitos foram presos em Teixeira de Freitas

Waldir Moura
Lorrany Martins
Wilton Junior

Linda, meiga, jovem, religiosa e querida por todos na cidade de São Mateus. E vítima de uma crueldade sem limites. Assim os amigos da nutricionista Camila dos Santos Lopes, 29 anos, definiram a jovem, que chegou a implorar a um dos bandidos para não ser morta.

Ao todo, seis pessoas foram presas suspeitas de participar do crime. Amigos do grupo da Igreja Católica Comunidade Santa Luzia, da paróquia de São Mateus, Norte do Estado, encontraram o corpo da jovem, às 17h55 de sábado, em uma plantação de eucalipto.

Na tarde de quinta-feira, ela foi visitar uma prima e teria ido comprar um presente para o afilhado. Desde então, não foi mais vista.

Segundo a Polícia Civil, ela foi vítima de latrocínio (roubo seguido de morte). Uma operação das polícias Civil e Militar, do Estado e da Bahia, e Polícia Federal, prendeu seis pessoas em Teixeira de Freitas (BA). De acordo com a polícia, Camila foi morta por Rafael de Jesus Lima, 25 anos, que confessou que atirou na jovem, mesmo sem ela ter reagido.

“A moça permaneceu calada. Uma única vez, pediu que eles nada fizessem com ela”

Trecho do boletim de ocorrência da PM



JUNIOR E RAFAEL foram presos em Teixeira de Freitas (BA) pela morte da nutricionista. São acusados de integrar quadrilha especializada em roubo e adulteração de veículos. No destaque abaixo, armas encontradas com os presos e o carro de Camila, com a placa adulterada

PERFIL

Camila dos Santos Lopes

- > **IDADE:** 29 anos
- > **PROFISSÃO:** nutricionista pós-graduada
- > **ERA FILHA** única
- > **NASCEU** e cresceu em São Mateus. Morou em Vila Velha para estudar na Universidade de Vila Velha (UVV). Trabalhou na prefeitura de Boa Esperança.
- > **ERA RELIGIOSA** e participava do grupo de oração na Igreja Católica.



No boletim de ocorrência da PM, consta que, perguntado sobre como matou a jovem, o criminoso disse que “a moça permaneceu calada durante todo o tempo e quando desviaram o caminho para a estrada de chão, ela uma única vez pediu que eles levassem o carro, mas que nada fizessem com ela”.

Segundo o criminoso, diante do apelo, ele “não soube dizer o que deu na cabeça dele” e que, “ao abandonar a moça na plantação de

eucalipto, disparou um tiro contra sua cabeça.”

Segundo um policial civil, que participou do resgate do corpo, ela morreu segurando um terço na mão esquerda e foi encontrada de bruços, vestida com calça preta e uma camisa de estampa florida, descalça e com um sangramento no ouvido direito.

O corpo foi encontrado no bairro Litorâneo, próximo ao campus das Ufes de São Mateus, a 900 metros



da estrada de chão que liga a cidade a Conceição da Barra.

Além de Rafael de Jesus, José Junior Lopes Santos, 24 anos, também participou do sequestro e morte da jovem, segundo a polícia. Os dois foram autuados por latrocínio na 18ª Delegacia Regional de São Mateus e conduzidos ao CDP da cidade. Com eles, a polícia encontrou um revólver marca Taurus, calibre 38, de numeração raspada e objetos pessoais da jovem.

Quadrilha presa tentou matar vítima em Minas Gerais

A quadrilha que roubou o carro da nutricionista em São Mateus é especializada transformar carros roubados, em carros “quentes”, grã usada quando o criminoso adultera um carro com restrição de furto e roubo, para que não seja identificado pela polícia.

Na casa onde estava o carro da nutricionista Camila dos Santos Lopes, em Teixeira de Freitas (BA), foi encontrado ainda um carro Gol preto, um Focus prata e uma caminhonete Hilux prata.

Segundo a polícia, a caminhonete seria fruto de um roubo em Nanuque, Minas Gerais, onde em ação semelhante dos bandidos, uma mulher também foi baleada na cabeça.

Na ocasião, a vítima sobreviveu, se arrastou por um quilômetro e meio para pedir socorro e atualmente está na UTI de um hospital da cidade.

“O esquema era todo montado e tinha um receptor que comprava o carro. Outras duas pessoas participavam da operação técnica e faziam a troca da longarina (placa de aço) do chassi do carro, o que é uma coisa muito complicada”, disse o tenente-coronel Duarte, do 13º Batalhão da Polícia Militar de São Mateus.

E completou: “Eles eram técnicos em adulteração, em ‘esquentar’ veículos. O chassi da Hilux já estava como se fosse de um carro legalizado.”



FOCUS e Onix encontrados

Câmeras identificaram os criminosos



ANEL e brincos da jovem executada

Câmeras de videomonitoramento da rua onde a nutricionista Camila dos Santos Lopes teria ido procurar uma loja para comprar um presente para o afilhado foram fundamentais para traçar o trajeto dos criminosos. A informação é do tenente-coronel Duarte, do 13º batalhão da PM de São Mateus.

Segundo ele, as imagens não mostram o exato momento em que a jovem foi abordada, mesmo assim, foi possível identificar um carro Focus prata, que a todo momento seguia o Onix branco da jovem. Por meio desse veículo, a polícia chegou até a quadrilha, em Teixeira de Freitas, na Bahia.

“As imagens mostram que os carros foram por uma via que des-

locava para pegar a BR-101, sentido Norte”, disse o militar.

Ao localizar o carro em Teixeira de Freitas, quem dirigia o veículo era Rafael de Jesus Lima. Com ele estavam os brincos, um anel e os óculos escuros da nutricionista, um revólver marca Taurus, calibre 38, de numeração raspada, com quatro cartuchos intactos e uma cápsula deflagrada. Ele confessou usar a arma para matar a jovem.

Depois que Rafael e José Junior Lopes Santos foram presos, eles entregaram o resto da quadrilha.

Anderson Vieira Lopes, 30 anos, primo de José Junior, escondeu o carro da nutricionista na casa da mãe, Sandra Maria Vieira Lopes, 49 anos, na rua Graciliano Viana,

no bairro Bela Vista, em Teixeira de Freitas. Segundo a PM, o carro já estava com uma placa falsificada da cidade de Camaçari (BA).

Ainda foram presos Maurício de Oliveira Santos, 30 anos, e Maury Ferreira de Carvalho Junior, 42 anos, apontado pela polícia como chefe da quadrilha.

Maury é ex-funcionário da 24ª Ciretran de São Mateus e foi expulso do órgão, acusado de atitude inadequada, de acordo com o boletim de ocorrência da PM.

Segundo o boletim, ele usava sua experiência na Ciretran para fraudar carros e documentos. Maury tem passagem pela polícia da Bahia por envolvimento em roubo e adulteração de chassi de veículos.

Já como exemplo de reportagem que contextualiza os crimes contra a vida das mulheres com representante do Poder Judiciário (uma juíza) que cita

estatísticas, porém também não informa a gravidade delas, temos o seguinte exemplo de página inteira (que, portanto, teria espaço para avançar bastante):

14 ATRIBUNA VITÓRIA, ES, SÁBADO, 01 DE OUTUBRO DE 2016

Polícia

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Manicure é encontrada carbonizada em Cariacica

Eloína de Oliveira estava desaparecida desde o dia 23. Corpo da vítima foi localizado em sítio, na Rodovia do Contorno

Felipe Pacheco
Jéssica Cardoso
Alessandro de Paula

A espera de uma família para encontrar uma manicure de 31 anos, desaparecida desde a madrugada do último dia 23, chegou ao fim com lamentos. Exames feitos com a arcada dentária de uma mulher achada carbonizada, também no dia 23, comprovaram que o corpo era de Eloína Paula Ferreira de Oliveira.

Familiares da vítima estiveram no DML de Vitória, ontem, para finalizarem o reconhecimento.

Além da comprovação pela arcada, o tio da vítima disse que já havia suspeitado que se tratava da manicure por conta de anéis que estavam nos dedos do corpo.

Segundo familiares, Eloína desapareceu na madrugada de sexta-feira passada. Eles contaram que, na noite de quinta-feira, a manicure estava em Jardim Carapina, na Serra, na casa de parentes, onde passou alguns dias por conta da cirurgia de uma das filhas.

“As duas filhas perguntam direto por ela. Não temos nem o que dizer às crianças, temos que dar apoio”.

Tio da manicure encontrada morta

A manicure teria saído com o companheiro, ainda na quinta-feira, e ido para a casa dele. De lá, os dois viajariam para Barra de São Francisco, onde a mulher estava morando há três meses.

O corpo de Eloína foi encontrado no mesmo dia do desaparecimento, num sítio na Rodovia do Contorno, em Cariacica.

Segundo os familiares, Eloína deixou duas filhas, uma de 9 e outra de 4 anos. O tio disse que as crianças não sabem da morte da mãe.

“As duas filhas perguntam direto por ela, a mais nova estava sendo cuidada pela Eloína. Não temos nem o que dizer às crianças, temos que estar próximos e dar apoio”.

A Delegacia de Homicídio e Proteção à Pessoa não revelou se há uma linha de investigação para o crime, nem se há algum suspeito.

Por nota, a Polícia Civil informou que “o caso está sob investigação da Delegacia de Homicídio e Proteção à Mulher, até o momento, nenhum suspeito foi detido”.

PEDRADA

Já em Atilio Vivacqua, no Sul do Estado, um homem de 27 anos foi preso acusado de tentar matar a ex-mulher, 26 anos, com uma pedra, na casa onde o casal vivia. Para a polícia, Deolevan Andrade de Jesus disse que atingiu várias vezes a cabeça da mulher e parou pensando que ela estivesse morta.

Segundo a polícia, ele chamou um amigo para enterrar o corpo. Porém, esse amigo, ao ver a vítima ferida, chamou socorro.

A vítima ficou com o rosto desfigurado e foi internada em estado grave na Santa Casa de Cachoeiro. O acusado fugiu e foi encontrado no centro da cidade. Ele foi autuado por tentativa de homicídio e conduzido ao presídio.



ELOÍNA DE OLIVEIRA deixa duas filhas, sendo uma de 9 e outra 4 anos

VIOLÊNCIA CONTRA MULHER NESTA SEMANA

Casos

> JAMILLY Santos de Carvalho, de 31 anos, foi agredida em 24 de setembro de 2015, passou mais de um ano em coma e morreu há dois dias, na Serra.
> FABIOLA Paula Ferreira de Oliveira foi dada como desaparecida desde o

dia 23 de setembro deste ano, na Serra. No mesmo dia, o corpo dela foi encontrado carbonizado, em Cariacica.

> EM VILA VELHA, uma jovem, sem identificação, foi encontrada morta com 10 facadas, ontem.

Jovem é morta com 10 facadas

Uma jovem, que não foi identificada pela polícia, foi encontrada morta, na manhã de ontem, no bairro Praia dos Recifes, em Vila Velha. A vítima foi espancada e assassinada com mais de 10 facadas. Nenhum suspeito de ter cometido o crime foi localizado e a polícia ainda não possui uma linha de investigação. A vítima estava em um terreno baldio.

De acordo com policiais militares que atenderam a ocorrência, a jovem foi encontrada por volta de 7h30. Ela estava usando um vestido estampado e uma blusa de frio verde. A parte de baixo do vestido dela estava levantada, segundo a PM. A mulher aparentava ter menos de 30 anos, era branca e tinha os cabelos pretos.

Segundo a perícia criminal da Polícia Civil, a vítima foi golpeada nas costas, nas nádegas e também no peito. Ela foi assassinada há pelo



MORADORES observam policiais civis recolherem o corpo da vítima

menos 12 horas do momento em que foi encontrada e também tinha hematomas nos braços e uma mordida em um dos cotovelos. Com a vítima, nenhum documento de identificação foi encontrado. Ela foi recolhida e levada ao Departamento Médico Legal (DML), em Vitória.

Policiais militares que estavam no local afirmaram que o lugar onde a vítima foi encontrada é usado para prostituição e também por usuários de drogas.

O assassinato será investigado pela Delegacia de Homicídio e Proteção à Mulher (DHPM).

Família de vítima que ficou em coma pede justiça

A família da faxineira Jamilly Santos de Carvalho, 31 anos, que ficou em coma por mais de um ano, após ser agredida pelo ex-marido, pediu, durante o enterro da vítima, a prisão do acusado, Cleiton dos Santos Costa, 23 anos.

O sepultamento aconteceu às 14 horas de ontem, no Cemitério de Carapina, Serra. Vestindo camisas com a foto da vítima e pedido por justiça, amigos e parentes se uniram. “Estamos indignados com o fato dele estar solto, aguardando o julgamento. Esperamos uma resposta”, disse a dona de casa Tamile Santos, 18, irmã dela.

Segundo o Tribunal de Justiça do Espírito Santo (TJ-ES), o processo corre em segredo de Justiça.

Justiça registra 18 mil medidas protetivas em 20 meses

A Justiça estadual acatou, entre janeiro de 2015 e agosto deste ano, 18.022 pedidos de medida protetiva de mulheres que se sentiram ameaçadas por homens violentos.

O dado parcial é da Coordenadoria Estadual da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar (Convídes), do Tribunal de Justiça do Estado do Espírito Santo (TJ-ES).

Segundo a juíza Hermínia Azourey, a iniciativa tem como objetivo garantir, judicialmente, que o agressor fique longe das vítimas. Ela ressaltou, porém, que o número é alto e representa o quanto tem crescido o número de casos de violência doméstica e o quanto as mulheres estão se sentindo inseguras.

“As medidas cresceram e mostra o quanto a situação é grave. Isso também significa que as mulheres descobriram a oportunidade de se afastar do agressor, que muitas vezes pedem desculpa, prometem cessar as agressões, mas dias depois voltam a agredir”, destacou a magistrada.

Segundo os dados divulgados pela Convídes, municípios da Grande Vitória lideram nos números de solicitações.

Só em Vila Velha, 5.320 medidas protetivas foram pedidas na 5ª e 9ª Varas Criminais do município. Em seguida, Cariacica registrou 4.678 solicitações, Serra, 2.090, e Vitória, 1.429 pedidos.

Para a juíza, apesar de muitos agressores desrespeitarem a lei, é de extrema importância que as vítimas busquem as medidas. “Sabemos que em alguns casos, infelizmente, os agressores não respeitam a determinação, mas as mulheres não podem deixar de solicitar a garantia, na lei, de que ele deve ficar longe dela”, destacou Hermínia Azourey.

PROCESSOS

Além dos números de medidas protetivas, no Estado, a Justiça também informou o número dos processos envolvendo violência doméstica, no mesmo período.

Foram 11.023 processos, no Estado. Neste caso, quem lidera a lista dos casos é o município de Vitória, com 2.382 processos. Em seguida, Vila Velha com 1.918, Serra, com 634, e Cariacica, com 764 casos de violência que foram parar na Coordenadoria do TJ-ES.



FACHADA do Tribunal de Justiça

Há ainda reportagens de página inteira ouvindo as fontes policiais e da Justiça, procurando contextualizar com estatísticas locais, mas sem dar a dimensão desse problema em nível estadual que fica evidente, por exemplo, quando se faz pelo menos o uso das estatísticas nacionais, como com a seguinte reportagem:

20 ATRIBUNA VITÓRIA, ES, DOMINGO, 03 DE ABRIL DE 2016

Polícia

FALE COM A EDITORA GIOVANNA SANTOS E-MAIL: policia@redtribuna.com.br

CRIME PASSIONAL

“Mulheres vítimas do machismo”

Especialistas dizem que a violência doméstica é um crime cultural e que as campanhas têm incentivado as vítimas a denunciar agressões

Leone Oliveira

Cansadas de sofrer caladas, mulheres vítimas de agressão de companheiros e ex-companheiros têm sido estimuladas a procurar as Delegacias da Mulher para denunciar a violência sofrida. Segundo especialistas, esse encorajamento tem sido o motivo para o aumento do registro de casos de violência doméstica.

Juiza e delegados concordam que a violência doméstica é um crime cultural, decorrente do machismo. “Vimos de um histórico de uma sociedade machista. Antigamente, existia uma sociedade patriarcal em que a mulher era subordinada ao homem. Esse tipo de cultura, em que o homem acha que é dono da mulher, a gente precisa mudar”, afirmou a titular da Delegacia Delegacia de Atendimento à Mulher (Deam) de Cariacica, delegada Michele Meira.

Segundo a coordenadora Estadual de Enfrentamento à Violência Doméstica e Familiar, juíza Herminia Azoury, a violência contra a mulher acontece desde o Brasil Colônia. “A lei permitia que o marido pudesse matar a mulher, se soubesse que ele havia sido traído por ela”, explicou ela.

Essa também é a visão do titular da Delegacia de Homicídios e Proteção à Mulher (DHPM), delegado Adroaldo Lopes. “Aprendemos desde cedo, que o homem pode tudo e a mulher não pode nada. Isso precisa ser mudado”.

Na última terça-feira, o sargento da reserva da Polícia Militar e ex-vereador Natalino Fernandes Botelho, 65 anos, foi preso, depois que sua mulher, a bioquímica Nádia Helena Guerra, denunciou ter sido agredida com um soco nas



“A lei permitia que o marido matasse a mulher, se fosse traído. Hoje, há amparo da Justiça e da polícia para ela”

Herminia Azoury, juíza e coordenadora Estadual de Enfrentamento à Violência Doméstica e Familiar



“Aprendemos desde pequenos, que o homem pode tudo e a mulher não pode nada. Isso precisa ser mudado”

Adroaldo Lopes, titular da Delegacia de Homicídios e Proteção à Mulher (DHPM)



“Vimos de uma sociedade machista, patriarcal, em que a mulher era subordinada ao homem”

Michele Meira, delegada da Delegacia de Atendimento à Mulher (Deam) de Cariacica

costelas e ameaçada de morte por ele, que não aceitava a separação.

Ela pagou fiança de R\$ 800, e ele foi liberado. No noite seguinte, ela foi morta a tiros dentro de casa, em São Gabriel da Palha, Noroeste do Estado. O sargento, acusado do crime, foi preso em Mantena (MG), após fugir com o filho de 15 anos.

A delegada Michele Meira explicou que o fato da bioquímica ter pago a fiança não é um caso isolado. “Não é incomum, não é raro como a gente pensa. Muitas vezes, elas pagam a fiança. Elas ficam com pena, porque o homem vai para o presídio, acham que ele vai mudar e que a denúncia era só para dar um susto nele”, explicou.

ONDE PROCURAR AJUDA

Plantão da Mulher 24h em Vitória

> VÍTIMAS de violência doméstica na Grande Vitória podem procurar a Delegacia de Atendimento à Mulher (Deam) em Cariacica, na avenida Expedito Garcia, Campo Grande; na Serra, av. Civit, em Laranjeiras; em Vitória, na rua Portinari, em Santa Lúcia; em Vila Velha, na rua Luciano das Neves, Prainha; e em Viana, na av. Desembargador Levino Chacon, Viana Sede, no mesmo prédio da Delegacia de Polícia (DP) do município.

> CASO A DEAM esteja fechada, a vítima

deve seguir ao Plantão Especializado da Mulher (PEM), na Ilha de Santa Maria, em Vitória, que funciona 24 horas.

> SE A MULHER estiver se sentindo ameaçada, pode solicitar medida protetiva de urgência.

> DESSE MODO, a Justiça concede um documento que impede o agressor de se aproximar da solicitante.

> CASO A MULHER não tenha para onde ir, pode solicitar vaga em uma das Casas de Abrigo da Grande Vitória.

Dependência financeira faz vítimas adiarem a separação

Mesmo sendo vítima das agressões dos companheiros, muitas mulheres preferem continuar com a vida em casal do que se separar. “Algumas vítimas são dependentes afetiva, emocional e financeiramente do agressor e não conseguem se desvencilhar dele”, afirmou a juíza Herminia Azoury.

De acordo com ela, ao solicitar a medida protetiva contra o agressor, a vítima é encaminhada a um tratamento para tentar superar essa dependência. Contudo, explicou a juíza, há casos em que a mulher tem recaída e acaba voltando para o homem que a violentou.

Ela completou: “É preciso quebrar essa dependência. Enquanto não quebra, ela se torna uma vítima em potencial”.

Azoury destacou que o Espírito Santo está entre os estados, onde as mulheres mais denunciam a violência doméstica. “Há um amparo da Justiça e da polícia para ela. Existe o botão do pânico, por exemplo. Isso encoraja a mulher, empodera ela a denunciar”.

No ano passado, foram solicitadas 3.301 medidas protetivas na Grande Vitória. Vila Velha registrou 1.146 solicitações, Serra, 937. Em Cariacica, foram 637 pedidos e, em Vitória, 581.

CASOS



Sargento acusado

O sargento da reserva da PM e ex-vereador Natalino Botelho, 65, é acusado de matar a mulher, a bioquímica Nádia Helena Guerra, 56, na noite da última quarta-feira, em São Gabriel da Palha, Noroeste do Estado.



Morta no trabalho

A operadora de caixa Edvyring Queiroz, 28, foi morta a tiros pelo ex-namorado, o motorista Sandro dos Santos Silva, 28, dentro da loja onde trabalhava no bairro Jabour, em Vitória, no dia 19 de março deste ano.



Crime após baile

O jovem Eykmar Nunes Bernardino, 22, foi preso acusado de matar a namorada, Denise Soares Pereira, 21. O crime aconteceu em 6 de março, em Santa Rita, Vila Velha, e o motivo foi ela ter ido a um baile funk sem ele.



Enforcada com cinto

A garçone Loizimar Estefany Silva, 27, foi morta enforcada com o próprio cinto, em 20 de fevereiro, em Cachoeiro de Itapemirim, Sul do Estado. A polícia acredita que ela foi violentada, já que estava parcialmente nua.

O mais comum, porém, continua sendo a total falta de contextualização, até mesmo em páginas como a seguinte que deram grande destaque dois diferentes atentados contra a vida de mulheres:

18 ATRIBUNA VITÓRIA, ES, QUINTA-FEIRA, 11 DE FEVEREIRO DE 2016

Polícia

Marido dá 8 facadas em dona de casa

Ferida enquanto dormia, a vítima foi levada para hospital e sobreviveu. Mecânico se suicidou por achar que ela estava morta

Simony Giuberti

Um mecânico, de 51 anos, atacou a mulher, uma dona de casa, de 43, com oito facadas, enquanto ela dormia, na casa do casal, em Jardim Marilândia, Vila Velha. Após o crime, o marido se matou e a mulher foi levada ao hospital. Familiares e amigos do casal ficaram surpresos com a atitude do mecânico.

O nome do mecânico e da rua onde o crime ocorreu não serão divulgados para preservar a identidade da vítima e a pedido da família. Segundo investigadores da Divisão de Homicídios e Proteção à Pessoa, o crime aconteceu na madrugada de ontem. Familiares do mecânico informaram que os dois eram casados há mais de 26 anos e que não costumavam brigar.

"Eles passaram o feriado juntos, foram na praia. Ontem (terça-feira) à noite, eles foram em um bloco de Carnaval e voltaram para casa, estavam normais. Meu irmão era um homem tranquilo, um bom marido e acho que ele teve um sur-

to para fazer isso", afirmou uma irmã do mecânico.

De acordo com a polícia, a dona de casa levou as facadas do marido enquanto estava dormindo. Ela se levantou da cama ensanguentada e saiu correndo pela rua, pedindo ajuda. Um irmão do mecânico viu a cena e foi ajudar a cunhada. Ele levou ela até o Hospital Antônio Bezerra de Faria, no mesmo município. Depois, ele voltou à casa.

Ao chegar ao local, encontrou o irmão pendurado pelo pescoço em uma árvore, morto no quintal. Ele usou fios elétricos para se enforcar.

Segundo a DHPP, a dona de casa informou que o marido não possuía histórico de agressões. "Ele era um homem trabalhador, honesto e dedicado. É uma situação que nos surpreendeu muito. E ela também é uma pessoa muito tranquila, não sabemos o que possa ter acontecido com ele", afirmou um familiar do mecânico.

Uma outra familiar, que também não quis se identificar, declarou que acredita que o mecânico tenha se matado por pensar que a mulher estava morta. "Ele deve ter tido um surto e fez o que fez. Talvez achou que ela estava morta e por isso se matou depois. Não conseguimos entender nada disso, está muito difícil para a família", disse.

O casal possuía três filhos juntos. O corpo do mecânico foi levado para DML de Vitória. O estado de saúde da dona de casa é estável.

Delegado do Rio dá surra na mulher e foge

GUARAPARI

O Carnaval para uma família carioca foi marcado por agressões. Um delegado da Polícia Civil do Rio de Janeiro agrediu a mulher e um casal de idosos num condomínio em Nova Guarapari, em Guarapari. Ele fugiu do local e não foi localizado.

A PM foi acionada e foi até o local, na tarde de segunda-feira. Segundo o boletim de ocorrência, o delegado, 40 anos, de Itaperuna (RJ), se desentendeu com familiares que estavam no apartamento e com a mulher, após ela pedir que ele parasse de beber para almoçar.

Segundo o boletim, o delegado ofendeu a mulher e deu vários tapas em seu rosto. O tio da vítima, 63 anos, e a mulher dele, de 60, tentaram apertar a briga e também foram agredidos.

A mulher afirmou que iria representar criminalmente contra o marido e que também queria uma medida protetiva.

Segundo o delegado Vinícius Landeira, que estava de plantão na



DELEGACIA Regional de Guarapari

5ª Delegacia Regional, o juiz de plantão da Vara Criminal do município solicitou procedimento para analisar o caso.

Por nota, a assessoria da Polícia Civil do Rio de Janeiro informou que a Corregedoria foi orientada pela chefia de Polícia a contatar a delegacia onde o caso foi registrado para ter acesso às informações.



O EMPRESÁRIO Alaide Molinari mostra o cofre do estabelecimento que foi arrombado por criminosos

Supermercado é invadido e bandidos levam R\$ 350 mil

CACHOEIRO

Bandidos invadiram o supermercado Talento, no bairro Basileia, em Cachoeiro de Itapemirim, Sul do Estado, e levaram R\$ 350 mil, sendo cerca de R\$ 300 mil em dinheiro, que estavam no cofre trancado no escritório.

O roubo ocorreu entre a noite de segunda-feira e a madrugada de ontem, mas foi descoberto somente ontem pela manhã, pouco antes de abrir o estabelecimento.

"Meu sobrinho abre o supermercado às 8 horas, mas antes disso foi avisado por pedreiros que a janela de trás foi arrombada. Ele me ligou e pediu para entrar

antes da hora", disse o empresário Alaide Molinari, 66, o Tampinha, dono do supermercado.

No local, o sobrinho do empresário percebeu que o escritório estava revirado e o cofre arrombado. Até um balde lotado com moedas de R\$ 1 foi levado.

"O dinheiro já estava separado para pagar duplicatas que vencem hoje (ontem). Havia R\$ 280 mil em dinheiro já contados, mais uns R\$ 20 mil em trocados e cheques. Daria uns R\$ 500 mil se eles tivessem levado todos os cheques pré-datados", disse o empresário.

O alarme não foi acionado. Segundo Tampinha, os ladrões entraram por um imóvel em obra nos

fundos, cortaram a grade da janela, quebraram o vidro e passaram por uma fresta de 30 centímetros, entre uma prateleira e a parede.

Em cinco meses, esse é o segundo roubo que o empresário sofreu. Em setembro, bandidos arrombaram outro supermercado da família e levaram R\$ 70 mil. "Estou pensando seriamente em fechar. Trabalhar para quê, para sustentar vagabundo? Tenho 60 empregados e pago os impostos e meus compromissos em dia".

A Delegacia de Crimes Contra o Patrimônio informou que solicitou imagens das câmeras da loja e da rua. Ainda não há pistas dos criminosos.

Folião baleado aperta a mão e mexe o braço

Um aperto de mão deu mais esperança à família do jovem Marlon Bruno da Silva, de 23 anos. Ele está internado em estado grave desde terça-feira, depois que foi baleado na cabeça, ao se recusar a entregar o celular para um bandido durante um assalto.

"Ele apertou a mão e mexeu um pouco o braço. Sei que o poder de Deus vai continuar a cuidar do meu filho e que ele vai sair dessa", disse o pai do jovem, o motorista Valdeci Dutra D'Aguiar, 64 anos.

No momento do crime, o jovem estava curtindo o Carnaval em Jacaraipe, na Serra. Ele foi baleado na cabeça e no braço esquerdo e está no CTI do Hospital Doutor Jayme dos Santos Neves.

O pai disse que, na tarde de ontem, os médicos começaram a tirar a sedação de Marlon e ele está acordando. "Ele ainda não está

conseguindo falar, mas começou a esboçar uma reação que deixou a família muito animada". Segundo o pai, Marlon recebeu a visita da namorada e de um amigo ontem.



MARLON foi ferido em assalto

Bandidos fazem reféns em camping de Castelhanos

ANCHIETA

Três pessoas viveram momentos de terror ao serem feitas reféns por quatro bandidos em um camping, na madrugada de ontem, próximo à praia de Castelhanos, em Anchieta, no litoral Sul do Espírito Santo. Um dos bandidos estava armado e eles roubaram um carro, celulares, câmeras e objetos pessoais das vítimas.

Por volta das 3h30, PMs conseguiram encontrar o carro na Praia de Acaíca, em Piúma, e prenderam o jovem Luiz Fernando Bertoli Santana, 18 anos. Ele conduzia o veículo e estava com um rapaz no carona. Na casa do cúmplice de Luiz Fernando, a PM encontrou parte dos produtos roubados. Eles foram autuados por roubo e foram para o presídio.

Assim, dada a insuficiência de soluções para o persistente problema das altas taxas desses crimes no Espírito Santo, torna-se ainda mais relevante buscar fontes para além das cotidianas (polícia e Justiça), tais como quem luta nos movimentos de mulheres (em nível local ou nacional) e mais e novos porta-vozes, como acadêmicos, sociais, culturais etc; bem como novas contextualizações, como os respeitados estudos nacionais que reiteradamente ostentavam o quadro capixaba mais contextualizado e ainda outros levantamentos locais ou nacionais que permitem a compreensão mais completa das especificidades da especialmente crítica trajetória capixaba em relação aos crimes contra a vida das mulheres.

Indicações como essas são recomendadas pelos estudos nacionais.

As estatísticas sobre os homicídios de mulheres com motivação de gênero apenas começam a ser levantadas. A produção desses dados é estratégica para a contextualização e aprofundamento do debate público sobre grave problema no país (PRADO, 2017, p. 158).

E ainda:

Assim como estatísticas, o acesso a fontes especializadas é fundamental para uma cobertura que contemple a complexidade das violências contra as mulheres. Para contextualizar e aprofundar sua cobertura, a imprensa precisa de fontes disponíveis e acessíveis: representantes dos sistemas de segurança pública e justiça, gestores de políticas públicas e profissionais dos serviços de atendimento e assistência a mulheres, parlamentares, pesquisadores, ativistas de movimentos sociais e outras pessoas que tenham experiência e/ou sejam especialistas no tema e que possam explicar os números, apresentar novos enfoques e fazer análises e comentários com uma linguagem fácil e direta, compreensível para o público (PRADO, 2017, p. 158).

Com isso, foram consideradas notícias sem contextualização as que se limitaram a relatar (com ou sem fonte oficial, como a polícia ou juízes) os detalhes de cada crime contra a vida de mulher noticiado. Quando, por exemplo, um delegado foi incluído na reportagem só para apresentar detalhes sobre como o crime aconteceu, essa notícia foi considerada sem contextualização.

Por outro lado, foram consideradas notícias com contextualização aquelas em que há, por exemplo: o questionamento dos órgãos de segurança a respeito de onde o estado falhou para que aquele crime fosse cometido; a apresentação de informações sobre os serviços de apoio às vítimas e de prevenção dos crimes;

alguma demonstração que não se tratava de um caso isolado, mas, ao contrário, de tipos recorrentes de crime.

Cruzando as referências bibliográficas já apresentadas, a pré-análise dos jornais e a reflexão sobre a particularidade dos crimes contra a vida das mulheres no estado do Espírito Santo, foram sendo identificadas e escolhidas as seguintes palavras-chave (que, na metodologia da análise de conteúdo apresentada a seguir, são as unidades de enumeração para codificação) empregadas tanto para selecionar as notícias que contextualizavam, quanto para compreender alguns aspectos dessa contextualização: ranking, estatística, histórico, delegada, delegado, feminicídio, líder, sociólogo, professor, professora, especialista, movimento, humanos (para encontrar “direitos humanos”), psicóloga e juíza (desde a primeira consulta, não foram localizadas as palavras socióloga, juiz e psicólogo).

Há uma compreensão, por parte dos pesquisadores, de que a contextualização em notícias de crimes contra a vida de mulheres ainda é rara (NATALE, 2015, p. 251-152) (ZANOTELLI; MEDINA, 2007, p. 12). Segundo estudo do Instituto Patrícia Galvão:

Ao noticiar um feminicídio, raramente a imprensa estimula uma reflexão sobre as causas daquela violência (PRADO, 2017, p. 145).

Logo que a coleta de dados teve início, porém, observou-se que a contextualização não era tão rara, ela existe em mais do que 25% do total de notícias. Entretanto, por esse número representar somente a minoria das notícias, e devido à contextualização ser ainda pouco analisada, persistiu a relevância da continuidade deste estudo.

Para o tratamento dos dados desta pesquisa, então empregou-se a análise de conteúdo, contemporaneamente compreendida como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (BARDIN, 2016, p. 48).

Com esse método, foi possível iniciar uma pesquisa quantitativa, extraíndo dados do noticiário selecionado, em busca de informações que permitiram a observação e a avaliação de algumas ocorrências de conteúdo (pesquisa qualitativa)

para, a partir destas, avaliarem-se as hipóteses da pesquisa desta dissertação (inferências).

De fato, para além dos aperfeiçoamentos técnicos, duas iniciativas “desbloqueiam” a análise de conteúdo. Por um lado, a exigência de objetividade torna-se menos rígida, ou melhor, alguns investigadores interrogam-se acerca da regra legada pelos anos anteriores, que confundia objetividade com cientificidade com a minúcia da análise de frequências. Por outro, aceitam-se mais favoravelmente a compreensão clínica, com a contribuição da estatística. Mas, além disso, a análise de conteúdo já não é considerada exclusivamente com um alcance *descritivo* [...], pelo contrário toma-se consciência de que a sua função ou o seu objetivo é a *inferência*. Que esta inferência se realize tendo por base indicadores de frequência, ou cada vez mais assiduamente, com a ajuda de indicadores combinados [...] (BARDIN, 2016, p. 27).

Essa combinação da análise quantitativa e qualitativa é apontada como “fundamento da especificidade da análise de conteúdo” (...) “reside na articulação entre” (BARDIN, 2016, p.46):

- a *superfície dos textos*, descrita e analisada (pelo menos alguns elementos característicos); e
- os *fatores que determinaram estas características*, deduzidos logicamente (BARDIN, 2016, p. 47).

Descrito o método da análise de conteúdo, a técnica empregada foi a categorial, que “funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, categorias, segundo agrupamentos analógicos” (BARDIN, 2016, p. 201).

Como primeira etapa operacional da análise, há a sua organização, que tem início com uma *leitura flutuante*; passa pela a escolha do *corpus*, ou universo dos documentos a serem analisados (por representatividade, exaustividade, homogeneidade e pertinência); avança com a formulação das hipóteses e dos objetivos; e se encerra com a referenciação dos índices e a elaboração dos indicadores (estes, os organizadores iniciais dos índices, as palavras-chave) (BARDIN, 2016, p. 125-130).

O conjunto de notícias selecionadas como *corpus* para início da análise foram todas as edições completas do ano de 2016 do jornal impresso A Tribuna. Não foram escolhidos períodos posteriores especialmente porque, em fevereiro de 2017, ocorreu uma greve da Polícia Militar capixaba que, durante seus 21 dias de duração, permitiu a ocorrência de muitos homicídios além do regular. Além disso, dado que as notícias com contextualização eram previstas em pequena quantidade

para apenas poucos meses, foi selecionado o período de um ano completo. Todas essas edições do impresso foram obtidas em formato PDF, junto ao próprio jornal A Tribuna, gratuitamente, por meio de parceria com o Observatório Saúde na Mídia da Ufes.

Então foi procedido um recorte ainda mais específico no *corpus*, selecionando apenas as notícias de crimes contra a vida das mulheres, o que foi realizado empregando o software Adobe Acrobat Reader conforme treinamento disponibilizado também pela equipe do Observatório Saúde na Mídia da Ufes. Esse emprego consistiu em aplicar a ferramenta “Pesquisa Avançada” do software sobre as pastas com os arquivos em PDF, em busca de palavras-chave que identificaram as notícias desejadas (o software consegue procurar essas palavras-chave dentro do arquivo de PDF de cada página de cada edição do jornal). As palavras-chave procuradas foram (no singular e no plural): assassinada, morta, agredida, machucada, ferida, espancada, esfaqueada, ranking, estatística, histórico, delegado, feminicídio, líder, sociólogo e professor (conforma apresentado há pouco). Essas palavras-chave foram definidas a partir da primeira leitura flutuante e das referências bibliográficas desta pesquisa.

Dessa forma foram identificadas 205 notícias, que tiveram nomes de arquivos de PDF e títulos de reportagem inseridos em uma planilha do software Microsoft Excel, com o objetivo inicial de serem facilmente organizadas separadas por data de publicação, conforme a tabela 1, a seguir.

Janeiro	Arquivo	Título da notícia
03/01/2016	no03011621	Surra por ficar mais tempo em churrasco
04/01/2016	no04011602	Mais de sete mil mulheres pedem ajuda à polícia
06/01/2016	no06011618	Brigas e bebedeiras matam 556
06/01/2016	no06011620	Mulher baleada em assalto com 15 reféns em fazenda
07/01/2016	no07011617	Vendedora sai de shopping e é esfaqueada em assalto
07/01/2016	no07011618	Esfaqueada pelo irmão ao ler a Bíblia
08/01/2016	no08011619	Jovens são mortos em casa e mulher é baleada
09/01/2016	no09011618	Mulher apanha por não lembrar senha do Facebook
09/01/2016	no09011618	Marido bate em vendedora e ameaça polícia ao ser preso
15/01/2016	no15011602	Queimados após briga por som alto
16/01/2016	no160116015	Servidor acusado de tentar matar a ex é exonerado
17/01/2016	no17011622	Namorado agride administradora
17/01/2016	no17011623	Doméstica é assassinada a facada
19/01/2016	no19011619	Garota é morta a pedradas
20/01/2016	no20011616	Adolescente morta a pedradas é identificada
21/01/2016	no21011617	Mulher é assassinada dentro de casa na Serra
24/01/2016	no24011622	Acusado de matar pastora é preso em bar
27/01/2016	no07011616	Estagiária leva chute do namorado em Viana

28/01/2016	no28011617	Acusado de matar pastora culpa rivais
30/01/2016	no30011617	Esfaqueada pelo ex ao beber em Vila Velha
TOTAL	20	TOTAL
Fevereiro	Arquivo	Título da notícia
06/02/2016	no06021619	Mãe e filha levam soco de assaltante em Vila Velha
08/02/2016	no08021613	Técnica de enfermagem é agredida por paciente
09/02/2016	no09021615	Mais de 50 ataques de criminosos em Guarapari
09/02/2016	no09021607	Marido dá facada na mulher durante briga
11/02/2016	no11021618	Marido dá oito facadas em dona de casa
11/02/2016	no11021618	Delegado do Rio dá surra na mulher e foge
12/02/2016	no12021617	Executada ao sair para pegar dinheiro
13/02/2016	no13021620	Polícia caça assassino de mulher na Serra
14/02/2016	no14021623	Vigilante tem crise de ciúme e atropela ex-mulher
15/02/2016	no15021603	"Ele queria me estuprar e matar"
16/02/2016	no16021617	Doméstica é morta em casa a tiros de escopeta na Serra
18/02/2016	no18021602	Servidor bate na mulher por 16 anos e vai preso
18/02/2016	no18021618	Polícia caça suspeito de matar doméstica
21/02/2016	no21021620	Nutricionista foi morta a tiro por bandidos
21/02/2016	no21021625	Garçonete enforcada com o próprio cinto
21/02/2016	no21021625	Mulher é espancada pelo marido e presa
22/02/2016	no22021602	Nutricionista implorou para viver
22/02/2016	no22021603	Gritos por justiça na delegacia
24/02/2016	no24021616	Nutricionista teve braço quebrado, diz pai da vítima
24/02/2016	no24021617	Corpos de duas vítimas são encontrados em Jaguaré
25/02/2016	no25021616	Mais três acusados são presos pela polícia na Bahia
26/02/2016	no26021618	Delegado já prendeu 384 assassinos de mulheres
27/02/2016	no27021618	Grande Vitória registra seis assassinatos em 20 horas
27/02/2016	no27021619	Missa homenageia nutricionista morta
29/02/2016	no29021613	Ladrões assaltam ônibus e agredem passageiros
TOTAL	25	TOTAL
Março	Arquivo	Título da notícia
01/03/2016	no01031618	Marido arrasta mulher grávida pelos cabelos
05/03/2016	no05031625	"Minha vida vale 880 reais" diz dona de casa
07/03/2016	no07031611	Jovem vai a baile escondida do namorado e é executada
10/03/2016	no10031620	Jovem confessa que matou namorada a tiros por ciúme
12/03/2016	no12031621	Três feridos em ataque de gangue
15/03/2016	no15031619	Segurança separa briga de casal e é morto a tiros
16/03/2016	no16031621	Marido se revolta "Ela era uma inocente na história"
14/03/2016	no17031624	Ladrão invade condomínio e esfaqueia dona de imóvel
14/03/2016	no17031624	Assistente social rendida com a filha em Araçás
14/03/2016	no17031624	Adolescente é detido suspeito de matar garota
18/03/2016	no18031622	Executada com dois tiros em balneário
18/03/2016	no18031622	Marido usa jaca para agredir a mulher
20/03/2016	no20031621	Estudante é morta com 14 tiros
20/03/2016	no20031622	Jovem invade loja e executa ex-namorada
20/03/2016	no20031622	Acusado disse que jovem não iria completar 29 anos
20/03/2016	no20031623	Esfaqueada pelo ex na frente do filho
23/03/2016	no23031615	Testemunha de crime em loja depõe hoje
29/03/2016	no29031613	Atacada pelo ex pula do segundo andar
30/03/2016	no30031622	Mulher é jogada no chão pelo ex em bar
30/03/2016	no30031622	Jovem é assassinada a facadas em estrada
TOTAL	20	TOTAL
Abril	Arquivo	Título da notícia

01/04/2016	no01041614	PM mata a mulher a tiros e foge com o filho
01/04/2016	no01041615	Sargento é preso em hotel
01/04/2016	no01041616	Motociclista leva soco de PM em abordagem no trânsito
02/04/2016	no02041614	Advogada é atacada por gangue
03/04/2016	no03041620	"Mulheres vítimas do machismo"
04/04/2016	no04041610	Segurança mata ex-mulher na Serra
05/04/2016	no05041614	Filho pede a prisão do pai após mãe ser esfaqueada
06/04/2016	no06041616	Dona de casa tem cabelo roubado
06/04/2016	no06041616	Preso após agredir a ex-mulher em bar
12/04/2016	no12041619	Espancadas por chamar o marido para discutir a relação
15/04/2016	no15041620	Multa para agressor de mulher
16/04/2016	no16041619	Jovem é espancada na saída da escola
17/04/2016	no17041620	Secretária é sequestrada e agredida por bandidos
22/04/2016	no22041617	Estudante recusa dança e leva facadas
24/04/2016	no24041622	Dona de casa leva coronhadas
25/04/2016	no25041602	Terapia para agressor de mulher
29/04/2016	no29041615	Mulher é esfaqueada pelo marido com filha no colo
TOTAL	17	TOTAL
Maio	Arquivo	Título da notícia
01/05/2016	no01051624	Mulher nega sexo e mata marido
02/05/2016	no02051612	Adolescentes atingidas por balas perdidas em Cariacica
05/05/2016	no05051615	PM atira em bandidos após filha ser baleada na Serra
06/05/2016	no06051616	Policia atira na mulher
07/05/2016	no07051616	Cabeleleira é morta a tiros em Cachoeiro
07/05/2016	no07051616	Genro assassinado ao defender a sogra
08/05/2016	no08051621	Agredida e arrastada pelos cabelos após discussão
08/05/2016	no08051621	Caminhoneiro bate na mulher e é preso em Barcelona
11/05/2016	no11051622	Doméstica é morta e polícia investiga briga por herança
12/05/2016	no12051626	Acusado de atirar em filha de PM
15/05/2016	no15051624	Mecânico preso acusado de agredir a nora em Vila Velha
22/05/2016	no22051622	Garçonete é esfaqueada em briga
23/05/2016	no23051603	Ex-maridos são os que mais batem
28/05/2016	no28051616	Mulher é executada em casa na Serra
28/05/2016	no28051616	Grávida é agredida pelo marido em quiosque
30/05/2016	no30051611	Mulher leva facada ao ver marido atacar vendedor
31/05/2016	no31051614	Passageiro reage e é assassinado
31/05/2016	no31051615	Jovem diz a ladrão que não tem celular e é executada
TOTAL	18	TOTAL
Junho	Arquivo	Título da notícia
01/06/2016	no01061615	Grávida agredida durante assalto
11/06/2016	no11061616	Menina de 13 anos denuncia homem com quem vivia por agressão
13/06/2016	no13061602	Assassinos de mulheres mais procurados no Estado
13/06/2016	no13061610	Frentista é morto a tiros e namorada é baleada na Serra
20/06/2016	no20061602	Mulher vive há 9 meses em coma
20/06/2016	no20061612	Jovem fica ferida em Baile do Mandela
21/06/2016	no21061617	Ex-marido espanca e arrasta mulher pelos cabelos
23/06/2016	no23061614	Vídeo flagra agressões de padastro a adolescente
24/06/2016	no24061618	Encapuzado invade casa e espanca fisioterapeuta
26/06/2016	no26061621	Médica é sequestrada em hospital
29/06/2016	no29061616	Grávida é agredida e amarrada
TOTAL	11	TOTAL
Julho	Arquivo	Título da notícia
04/07/2016	no04071611	Mulher é esfaqueada pelo ex

04/07/2016	no04071611	Salva-vidas agredida por sargento
04/07/2016	no04071611	Preso em flagrante por espancar a namorada
05/07/2016	no05071616	Mulher é arrastada pelos cabelos e dá facada no ex
05/07/2016	no05071617	Grávida leva chute na barriga em briga
06/07/2016	no06071615	Espancada e assaltada ao sair de ônibus do Transcol
06/07/2016	no06071617	Emprego para mulheres vítimas da violência
07/07/2016	no07071615	Estado é o 4º em homicídio de mulheres
15/07/2016	no15071616	Servidora pública é rendida por menor na Praia da Costa
16/07/2016	no16071628	Vereadora é agredida após sessão no Sul
16/07/2016	no16071613	Jovem é assassinada e ex vai para a cadeia
18/07/2016	no18071611	Vítimas esperam até oito anos por decisões
18/07/2016	no18071612	Genro agride a mulher e mata sogra no Norte
18/07/2016	no18071610	Mais de 5 mil na fila do julgamento
25/07/2016	no25071612	Assassinada na frente das netas
26/07/2016	no26071614	Maníaco é solto e volta a estrupar
27/07/2016	no27071617	Servidora pública é sequestrada na Serra
28/07/2016	no28071618	Proibida há 4 anos de sair de casa por traficantes
29/07/2016	no29071616	Esfaqueou mulher e filha
31/07/2016	no31071620	Gangue invade rua e atira em feirante na Serra
TOTAL	20	TOTAL
Agosto	Arquivo	Título da notícia
04/08/2016	no04081615	Mulher joga gasolina e põe fogo na ex por vingança
06/08/2016	no06081617	Grávida tenta conversar e apanha
11/08/2016	no11081618	Marido mata a mulher com golpes de picareta
15/08/2016	no15081610	Preso após estuprar a filha
16/08/2016	no16081602	Passageira ferida a tiro por demorar a entregar celular
24/08/2016	no24081614	Jovem é sequestrada e morta com tiro na cabeça
29/08/2016	no29081602	Quatrocentas mães agredidas por filhos
31/08/2016	no31081622	Garota é rendida em ponto de ônibus e estuprada
TOTAL	8	TOTAL
Setembro	Arquivo	Título da notícia
08/09/2016	no08091615	Estudante é assassinada ao defender irmã em briga
09/09/2016	no09091616	Jovem é espancada com TV na frente do filho de 2 anos
13/09/2016	no13091615	Dona de casa apanha por não fazer comida para o marido
14/09/2016	no14091614	Universitária reage e leva socos de ladrão
14/09/2016	no14091614	Vendedora acusa PM por agressão
14/09/2016	no14091615	Mulher é enforcada, enterrada e encontrada nua
15/09/2016	no15091616	Pedido de ajuda para identificar assassinada
16/09/2016	no16091613	Rendida e agredida em Jardim Camburi
18/09/2016	no18091622	PM é preso por espancar a namorada
26/09/2016	no26091610	Dona de casa é morta a facadas
26/09/2016	no26091612	Mãe e filha de 2 anos achadas carbonizadas
26/09/2016	no26091612	Comerciante finge morte em assalto e ladrão é preso
27/09/2016	no27091616	Estudante atira em padastro para livrar mãe de agressão
27/09/2016	no27091617	"Meu pai matou a mamãe" diz menina de 5 anos a avó
28/09/2016	no28091616	Dona de casa leva facadas do marido
28/09/2016	no28091616	Médico e policial proibidos de ficarem perto da mulher
TOTAL	16	TOTAL
Outubro	Arquivo	Título da notícia
01/10/2016	no01101614	Manicure é encontrada carbonizada em Cariacica
01/10/2016	no01101614	Jovem é morta com 10 facadas
04/10/2016	no04101624	Matou a namorada e saiu rindo da delegacia
04/10/2016	no04101625	Acusado vai responder em liberdade por feminicídio

05/10/2016	no05101614	Trinta pedidos por dia de medida protetiva no Estado
06/10/2016	no06101616	Cabeleleira é estuprada dentro de condomínio
07/10/2016	no07101617	Preso jovem que matou namorada
08/10/2016	no08101618	Mulher é encontrada estrangulada no Sul
15/10/2016	no15101602	Assassinatos chegam a 87 no ano
15/10/2016	no15101603	Tragédia no posto de saúde
15/10/2016	no15101615	Entregador acusado de estuprar a sobrinha
17/10/2016	no17101611	Três assassinatos em uma hora
18/10/2016	no18101618	Garota é agredida e pescador preso
22/10/2016	no22101616	Mulher de luto apanha por não fazer almoço
25/10/2016	no25101615	Ladrão invade apartamento e vendedora é agredida
25/10/2016	no25101616	Idosa é assassinada por menor em Santa Maria
29/10/2016	no29101614	Vitória tem a maior queda de homicídios
30/10/2016	no30101619	Dona de casa denuncia ex e é presa
30/10/2016	no30101619	Mulher briga com casal em bar e leva facada
TOTAL	19	TOTAL
Novembro	Arquivo	Título da notícia
02/11/2016	no02111616	Jovem é estuprada e amarrada em ponte
03/11/2016	no03111615	Maioria dos brasileiros diz que bandido bom só morto
05/11/2016	no05111616	Jovem assassinada a tiros em Guarapari
08/11/2016	no08111614	Garçonete morta a tiro no trabalho
08/11/2016	no08111614	Atacada pelo marido com caco de vidro dentro da Ufes
10/11/2016	no10111615	Preso após morte de ex-mulher carbonizada
17/11/2016	no17111616	Estudante sequestrada por bando em Jardim Camburi
17/11/2016	no17111617	Caçada a acusado de matar a ex a facadas
21/11/2016	no21111613	Grávida é espancada após atender telefone
22/11/2016	no22111616	Mulher reage à agressões e dá facadas no marido
23/11/2016	no23111602	Justiça obriga 10 mil maridos a sair de casa
24/11/2016	no24111618	Vendedora é agredida ao terminar namoro
25/11/2016	no25111615	Preso acusado de Pôr fogo na namorada
26/11/2016	no26111617	Ex-marido confessa que matou mulher
28/11/2016	no28111602	Ciumentos brigam e matam por causa de redes sociais
TOTAL	15	TOTAL
Dezembro	Arquivo	Título da notícia
02/12/2016	no02121615	Mãe e filho são baleados na rua
03/12/2016	no03121614	Grávida é assassinada a facadas em apartamento
04/12/2016	no04121616	Justiça determina prisão de mulher de advogado
04/12/2016	no04121616	Pintor desafia a Justiça e é preso por ameaça
04/12/2016	no04121617	Passageira leva golpes de chave de fenda
06/12/2016	no06121617	Professora confessa assassinato de grávida
07/12/2016	no07121619	Rapaz ataca grávida e foge pelado
10/12/2016	no10121616	Jovem é estuprada e agredida após assalto
11/12/2016	no11121617	Costureira é agredida por 34 anos
18/12/2016	no18121623	Agredida após levar cantada na rua
19/12/2016	no19121612	Em Vitória, mulher leva voadora na delegacia
24/12/2016	no24121616	Dona de casa é executada pelo namorado da filha
24/12/2016	no24121617	Briga de casal termina em assassinato
26/12/2016	no26121611	"Nenhuma mulher com botão do pânico foi assassinada"
30/12/2016	no30121617	Faxineira é espancada na Praia do Canto
31/12/2016	no31121620	Preso diz que não se lembra de ter espancado faxineira
TOTAL	16	TOTAL
2016		
TOTAL	205	

Esse número total de 205 notícias é o dobro do número total de homicídios de mulheres no mesmo ano, que foram 104 (CERQUEIRA, 2018, p.49), considerando, por um lado, que alguns crimes foram noticiados mais de um dia (logo, foram computados separados) e, por outro lado, foram consideradas notícias de interesse para esta pesquisa todas as de crimes contra a vida (e não apenas homicídios) de mulheres.

Esse segundo trabalho de definição do *corpus* (com o apoio dos softwares) também permitiu: 1) identificar presença ou ausência das primeiras palavras-chave (índices e unidades de codificação posterior) nas notícias, iniciando o procedimento da análise de conteúdo chamado de “enumeração por presença”; e 2) somar as reportagens em que cada uma daquelas palavras-chave apareciam, o que em análise de conteúdo chama-se regra de enumeração por frequência. Tudo já sendo inserido na mesma planilha do Microsoft Excel para que, ao fim, nas reportagens com contextualização, fosse possível enxergar o que há e o que não há, além da persistência da utilização desses índices ao longo do noticiário de um ano.

Localizadas essas primeiras reportagens, todas foram lidas para que fossem excluídas aquelas referentes a: acidentes de trânsito; “vítimas de balas perdidas”; crimes contra a vida de mulheres praticados antes de 2016; e crimes praticados contra homens (mas noticiados com as palavras-chave em feminino por identificá-los vítimas, o que prejudicaria a análise). Justificativa: são crimes onde a contextualização dos crimes contra a vida das mulheres como questão de gênero em 2016 não seriam cabidas. Também com esta leitura de todas as 205 reportagens foi possível selecionar, como *corpus* final, as 59 notícias que comportavam qualquer contextualização, ou seja, qualquer informação além da descrição dos crimes, conforme a tabela 2, a seguir.

Janeiro	Arquivo	Título da notícia	Contextualiza?
04/01/2016	no04011602	Mais de sete mil mulheres pedem ajuda à polícia	1
06/01/2016	no06011618	Brigas e bebedeiras matam 556	1
07/01/2016	no07011617	Vendedora sai de shopping e é esfaqueada em assalto	1
TOTAL	20	TOTAL	3
Fevereiro	Arquivo	Título da notícia	Contextualiza?
08/02/2016	no08021613	Técnica de enfermagem é agredida por paciente	1
15/02/2016	no15021603	"Ele queria me estuprar e matar"	1

18/02/2016	no18021602	Servidor bate na mulher por 16 anos e vai preso	1
22/02/2016	no22021602	Nutricionista implorou para viver	1
26/02/2016	no26021618	Delegado já prendeu 384 assassinos de mulheres	1
TOTAL	25	TOTAL	5
Março	Arquivo	Título da notícia	Contextualiza?
15/06/2016	no15031619	Segurança separa briga de casal e é morto a tiros	1
14/03/2016	no17031624	Ladrão invade condomínio e esfaqueia dona de imóvel	1
20/03/2016	no20031623	Esfaqueada pelo ex na frente do filho	1
TOTAL	20	TOTAL	3
Abril	Arquivo	Título da notícia	Contextualiza?
01/04/2016	no01041615	Sargento é preso em hotel	1
03/04/2016	no03041620	"Mulheres vítimas do machismo"	1
04/04/2016	no04041610	Segurança mata ex-mulher na Serra	1
15/04/2016	no15041620	Multa para agressor de mulher	1
25/04/2016	no25041602	Terapia para agressor de mulher	1
TOTAL	17	TOTAL	5
Maio	Arquivo	Título da notícia	Contextualiza?
22/05/2016	no22051622	Garçonete é esfaqueada em briga	1
23/05/2016	no23051603	Ex-maridos são os que mais batem	1
31/05/2016	no31051614	Passageiro reage e é assassinado	1
31/05/2016	no31051615	Jovem diz a ladrão que não tem celular e é executada	1
TOTAL	18	TOTAL	4
Junho	Arquivo	Título da notícia	Contextualiza?
13/06/2016	no13061602	Assassinos de mulheres mais procurados no Estado	1
13/06/2016	no13061610	Frentista é morto a tiros e namorada é baleada na Serra	1
20/06/2016	no20061602	Mulher vive há 9 meses em coma	1
24/06/2016	no24061618	Encapuzado invade casa e espanca fisioterapeuta	1
26/06/2016	no26061621	Médica é sequestrada em hospital	1
TOTAL	11	TOTAL	5
Julho	Arquivo	Título da notícia	Contextualiza?
06/07/2016	no06071617	Emprego para mulheres vítimas da violência	1
07/07/2016	no07071615	Estado é o 4º em homicídio de mulheres	1
16/07/2016	no16071613	Jovem é assassinada e ex vai para a cadeia	1
18/07/2016	no18071611	Vítimas esperam até oito anos por decisões	1
18/07/2016	no18071610	Mais de 5 mil na fila do julgamento	1
25/07/2016	no25071612	Assassinada na frente das netas	1
26/07/2016	no26071614	Maníaco é solto e volta a estrupar	1
28/07/2016	no28071618	Proibida há 4 anos de sair de casa por traficantes	1
TOTAL	20	TOTAL	8
Agosto	Arquivo	Título da notícia	Contextualiza?
16/08/2016	no16081602	Passageira ferida a tiro por demorar a entregar celular	1
24/08/2016	no24081614	Jovem é sequestrada e morta com tiro na cabeça	1
29/08/2016	no29081602	Quatrocentas mães agredidas por filhos	1
TOTAL	8	TOTAL	3
Setembro	Arquivo	Título da notícia	Contextualiza?
28/09/2016	no28091616	Médico e policial proibidos de ficarem perto da mulher	1
TOTAL	16	TOTAL	1
Outubro	Arquivo	Título da notícia	Contextualiza?

01/10/2016	no01101614	Manicure é encontrada carbonizada em Cariacica	1
04/10/2016	no04101625	Acusado vai responder em liberdade por feminicídio	1
05/10/2016	no05101614	Trinta pedidos por dia de medida protetiva no Estado	1
06/10/2016	no06101616	Cabeleleira é estuprada dentro de condomínio	1
07/10/2016	no07101617	Preso jovem que matou namorada	1
15/10/2016	no15101602	Assassinatos chegam a 87 no ano	1
15/10/2016	no15101603	Tragédia no posto de saúde	1
17/10/2016	no17101611	Três assassinatos em uma hora	1
22/10/2016	no22101616	Mulher de luto apanha por não fazer almoço	1
29/10/2016	no29101614	Vitória tem a maior queda de homicídios	1
TOTAL	19	TOTAL	10
Novembro	Arquivo	Título da notícia	Contextualiza?
03/11/2016	no03111615	Majoria dos brasileiros diz que bandido bom só morto	1
08/11/2016	no08111614	Garçonete morta a tiro no trabalho	1
17/11/2016	no17111616	Estudante sequestrada por bando em Jardim Camburi	1
23/11/2016	no23111602	Justiça obriga 10 mil maridos a sair de casa	1
25/11/2016	no25111615	Preso acusado de Pôr fogo na namorada	1
28/11/2016	no28111602	Ciumentos brigam e matam por causa de redes sociais	1
TOTAL	15	TOTAL	6
Dezembro	Arquivo	Título da notícia	Contextualiza?
03/12/2016	no03121614	Grávida é assassinada a facadas em apartamento	1
04/12/2016	no04121616	Justiça determina prisão de mulher de advogado	1
06/12/2016	no06121617	Professora confessa assassinato de grávida	1
11/12/2016	no11121617	Costureira é agredida por 34 anos	1
26/12/2016	no26121611	"Nenhuma mulher com botão do pânico foi assassinada"	1
31/12/2016	no31121620	Preso diz que não se lembra de ter espancado faxineira	1
TOTAL	16	TOTAL	6
2016			Contextualiza?
TOTAL	205		59

A presença de cada palavra-chave em cada arquivo pode ser conferida nas seguintes duas tabelas, as tabelas 3 e 4, respectivamente, desta dissertação, que seguem abaixo.

Arquivo	Ranking	Estatísticas	Histórico	Delegada	Feminicídio	Líder	Sociólogo
no04011602	1	0	0	1	0	0	0
no06011618	1	0	0	0	0	0	0
no07011617	0	0	0	0	0	0	0
20	2	0	0	1	0	0	0
Arquivo	Ranking	Estatísticas	Histórico	Delegada	Feminicídio	Líder	Sociólogo
no08021613	0	0	0	0	0	0	0
no15021603	0	0	0	1	0	0	0
no18021602	0	0	0	1	0	0	0
no22021602	0	0	0	0	0	0	0
no26021618	0	0	1	0	0	0	0
25	0	0	1	2	0	0	0
Arquivo	Ranking	Estatísticas	Histórico	Delegada	Feminicídio	Líder	Sociólogo

no15031619	0	0	0	0	0	0	0
no17031624	0	0	0	0	0	0	0
no20031623	0	0	0	0	0	0	0
20	0	0	0	0	0	0	0
Archivo	Ranking	Estatísticas	Histórico	Delegada	Feminicidio	Líder	Sociólogo
no01041615	0	0	0	0	1	0	0
no03041620	0	0	1	1	0	0	0
no04041610	0	0	0	0	1	0	0
no15041620	0	0	0	0	0	0	0
no25041602	0	0	0	0	1	0	0
17	0	0	1	1	3	0	0
Archivo	Ranking	Estatísticas	Histórico	Delegada	Feminicidio	Líder	Sociólogo
no22051622	0	0	0	0	0	0	0
no23051603	0	0	0	1	0	0	0
no31051614	0	0	0	0	0	0	0
no31051615	0	0	0	1	0	0	0
18	0	0	0	2	0	0	0
Archivo	Ranking	Estatísticas	Histórico	Delegada	Feminicidio	Líder	Sociólogo
no13061602	0	0	0	1	1	0	0
no13061610	0	0	0	0	0	0	0
no20061602	0	0	0	0	1	0	0
no24061618	0	0	0	0	0	0	0
no26061621	0	0	0	0	0	0	0
11	0	0	0	1	2	0	0
Archivo	Ranking	Estatísticas	Histórico	Delegada	Feminicidio	Líder	Sociólogo
no06071617	0	0	0	1	0	0	0
no07071615	1	1	1	1	0	0	0
no16071613	0	0	1	0	1	0	0
no18071611	0	0	0	0	0	0	0
no18071610	0	0	0	0	0	0	0
no25071612	0	0	1	0	0	0	0
no26071614	0	0	0	1	0	0	0
no28071618	0	0	0	0	0	0	0
20	1	1	3	3	1	0	0
Archivo	Ranking	Estatísticas	Histórico	Delegada	Feminicidio	Líder	Sociólogo
no16081602	0	0	0	0	0	0	0
no24081614	0	0	0	0	0	0	0
no29081602	1	0	0	1	0	1	0
8	1	0	0	1	0	1	0
Archivo	Ranking	Estatísticas	Histórico	Delegada	Feminicidio	Líder	Sociólogo
no28091616	1	0	0	1	1	0	0
16	1	0	0	1	1	0	0
Archivo	Ranking	Estatísticas	Histórico	Delegada	Feminicidio	Líder	Sociólogo
no01101614	0	0	0	0	0	0	0
no04101625	0	0	0	0	1	0	0
no05101614	0	0	0	1	1	0	0
no06101616	0	0	0	1	0	0	0
no07101617	0	0	0	0	1	0	0
no15101602	0	1	0	1	0	0	0

no15101603	0	1	0	0	0	0	0
no17101611	0	0	0	0	0	0	0
no22101616	0	0	0	0	0	0	0
no29101614	1	0	0	0	0	0	0
19	1	2	0	3	3	0	0
Arquivo	Ranking	Estatísticas	Histórico	Delegada	Feminicídio	Líder	Sociólogo
no03111615	0	0	0	1	0	0	0
no08111614	0	0	0	0	0	0	0
no17111616	0	0	0	1	0	0	0
no23111602	0	0	0	1	0	0	0
no25111615	0	0	0	0	1	0	0
no28111602	1	0	1	1	1	0	0
15	1	0	1	4	2	0	0
Arquivo	Ranking	Estatísticas	Histórico	Delegada	Feminicídio	Líder	Sociólogo
no03121614	1	0	0	0	0	0	0
no04121616	0	0	0	0	0	0	0
no06121617	0	0	1	0	0	0	0
no11121617	0	0	0	0	0	0	0
no26121611	0	0	0	0	1	0	0
no31121620	0	0	0	0	1	0	0
16	1	0	1	0	2	0	0

	Ranking	Estatísticas	Histórico	Delegada	Feminicídio	Líder	Sociólogo
205	8	3	7	19	14	1	0

Acima, a tabela 3; abaixo, a tabela 4.

Arquivo	Professor	Delegado	Professora	Especialista	Movimento	Humanos	Psicóloga	Juíza
no04011602	0	1	0	0	0	0	0	0
no06011618	0	0	0	0	0	0	0	0
no07011617	0	0	0	0	0	0	0	0
20	0	1	0	0	0	0	0	0
Arquivo	Professor	Delegado	Professora	Especialista	Movimento	Humanos	Psicóloga	Juíza
no08021613	0	0	0	0	0	0	0	0
no15021603	0	0	0	1	0	0	0	0
no18021602	1	1	0	1	0	0	0	1
no22021602	0	0	0	0	0	0	0	0
no26021618	0	1	0	0	0	0	0	0
25	1	2	0	2	0	0	0	1
Arquivo	Professor	Delegado	Professora	Especialista	Movimento	Humanos	Psicóloga	Juíza
no15031619	0	0	0	0	0	0	0	0
no17031624	0	1	0	0	0	0	0	0
no20031623	0	0	0	0	0	0	0	0
20	0	1	0	0	0	0	0	0
Arquivo	Professor	Delegado	Professora	Especialista	Movimento	Humanos	Psicóloga	Juíza
no01041615	0	1	0	0	0	0	0	0
no03041620	0	1	0	1	0	0	0	1

no04041610	0	1	0	0	0	0	0	1
no15041620	1	1	0	1	0	0	0	1
no25041602	1	1	0	1	0	0	1	1
17	2	5	0	3	0	0	1	4
Arquivo	Professor	Delegado	Professora	Especialista	Movimento	Humanos	Psicóloga	Juíza
no22051622	0	0	0	0	0	0	0	0
no23051603	1	0	1	0	0	0	0	0
no31051614	0	0	0	0	0	0	0	0
no31051615	0	0	0	0	0	0	0	0
18	1	0	1	0	0	0	0	0
Arquivo	Professor	Delegado	Professora	Especialista	Movimento	Humanos	Psicóloga	Juíza
no13061602	1	1	0	1	0	0	0	0
no13061610	0	0	0	0	0	0	0	0
no20061602	0	1	0	0	1	0	0	1
no24061618	0	1	0	0	0	0	0	0
no26061621	0	1	0	0	0	0	0	0
11	1	4	0	1	1	0	0	1
Arquivo	Professor	Delegado	Professora	Especialista	Movimento	Humanos	Psicóloga	Juíza
no06071617	0	0	0	0	0	0	1	1
no07071615	0	0	0	0	0	0	0	1
no16071613	0	1	0	0	0	0	0	0
no18071611	1	1	1	1	0	0	0	1
no18071610	1	0	0	0	0	0	0	1
no25071612	0	0	0	0	0	0	0	0
no26071614	0	0	0	0	0	0	0	1
no28071618	0	1	0	0	0	0	0	0
20	2	3	1	1	0	0	1	5
Arquivo	Professor	Delegado	Professora	Especialista	Movimento	Humanos	Psicóloga	Juíza
no16081602	0	0	0	0	0	0	0	0
no24081614	0	0	0	0	0	0	0	0
no29081602	0	1	0	0	0	0	1	1
8	0	1	0	0	0	0	1	1
Arquivo	Professor	Delegado	Professora	Especialista	Movimento	Humanos	Psicóloga	Juíza
no28091616	0	0	0	0	0	0	0	0
16	0	0	0	0	0	0	0	0
Arquivo	Professor	Delegado	Professora	Especialista	Movimento	Humanos	Psicóloga	Juíza
no01101614	0	0	0	0	0	0	0	1
no04101625	0	1	0	0	0	0	0	0
no05101614	0	1	0	0	0	0	0	1
no06101616	0	0	0	0	1	0	0	0
no07101617	0	1	0	0	0	0	0	0
no15101602	0	0	0	0	0	0	0	0
no15101603	0	0	0	0	0	0	0	1
no17101611	0	0	0	0	0	0	0	0
no22101616	0	0	0	0	0	0	0	0
no29101614	0	0	0	0	0	0	0	0
19	0	3	0	0	1	0	0	3
Arquivo	Professor	Delegado	Professora	Especialista	Movimento	Humanos	Psicóloga	Juíza
no03111615	0	0	0	1	0	0	0	0

no08111614	0	0	0	0	0	0	0	0
no17111616	0	0	0	0	1	0	0	0
no23111602	0	0	0	0	1	0	0	1
no25111615	0	1	0	0	0	0	0	0
no28111602	0	0	0	0	0	0	0	0
15	0	1	0	1	2	0	0	1
Arquivo	Professor	Delegado	Professora	Especialista	Movimento	Humanos	Psicóloga	Juíza
no03121614	0	1	0	0	0	0	0	0
no04121616	0	0	0	0	0	0	0	1
no06121617	1	1	1	0	0	0	0	0
no11121617	0	0	0	1	0	0	0	0
no26121611	0	0	0	0	0	0	0	1
no31121620	0	0	0	0	0	0	0	0
16	1	2	1	1	0	0	0	2
	Professor	Delegado	Professora	Especialista	Movimento	Humanos	Psicóloga	Juíza
205	8	23	3	9	4	0	3	18

Tendo sido então definido o *corpus* final, após esses tratamentos e leituras, foi possível listar as seguintes hipóteses a serem testadas: 1) o percentual de notícias com contextualização era maior que 20% (ou seja, não seriam tão raras); 2) as notícias com contextualização traziam especialmente porta-vozes da polícia e da Justiça (como se fossem casos isolados); 3) raras vezes foi informada (com ou sem estatísticas, fossem nacionais ou locais) a gravidade do histórico específico dos crimes contra a vida das mulheres no estado do Espírito Santo; e 4) raras vezes foram ouvidos especialistas da academia ou de movimentos sociais.

E, para concluir a etapa de organização da análise de conteúdo, foi realizada referenciação dos índices e a elaboração dos indicadores.

Índices e indicadores foram considerados, nessa análise, como as palavras-chave identificadas nas buscas realizadas por meio do Adobe Acrobat Reader. Essas unidades de codificação permitiram definir as categorias que indicariam as respostas para alguns dos testes de hipóteses. Essas categorias foram: “Polícia e Justiça” (para computar as notícias com delegados e juízes), “Especialistas” (para registrar porta-vozes qualificados pela academia, especialmente) e “Sociedade” (para considerar o histórico violento capixaba e a presença de movimentos sociais de enfrentamento dessa situação).

Por categorização, considerou-se:

uma operação de classificação dos elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios

previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão das características comuns desses elementos (BARDIN, 2016, p. 130).

Na técnica da análise de conteúdo, o critério de categorização pode ser semântico (categorias temáticas), sintático (verbos, adjetivos), léxico (palavras segundo seus sentidos) e expressivo (expressando perturbações de linguagem). O processo de categorização consiste em isolar os elementos e depois reparti-los impondo organização às mensagens (BARDIN, 2016, p.147-148).

A análise de conteúdo assenta implicitamente na crença de que a categorização (passagem de dados brutos a dados organizados) não introduz desvios (por excesso ou por recusa) no material, mas que dá a conhecer índices invisíveis, ao nível dos dados brutos (BARDIN, 2016, p. 149).

Nesta pesquisa, a opção foi pela categorização semântica. E se com as décadas de desenvolvimento da análise de conteúdo já foram estabelecidos muitos sistemas de categorias para análise de diversos tipos de *corpus*, essa técnica também faculta ao pesquisador construir as categorias que a sua pesquisa lhe incitar. Nessas categorias, no entanto, invariavelmente, os elementos não podem estar em mais de uma delas, que precisam ser homogêneas, pertinentes, objetivas e produtivas (BARDIN, 2016, p.149-150).

Concomitantemente à categorização foi definida a codificação, operação que compreende três escolhas (BARDIN, 2016, p. 133):

- O recorte: a escolha das unidades;
- A enumeração: escolha das regras de contagem;
- A classificação ou agregação: escolha das categorias (BARDIN, 2016, p. 133).

Como já apresentado, as unidades de registro escolhidas para a presente pesquisa foram as palavras-chave buscadas com o apoio do software. A enumeração dessas unidades (que aqui também podem ser chamados de indicadores) escolhida (ou “modo de contagem”) foi de dois tipos combinados: a por presença (ou ausência de elementos) e a por frequência (BARDIN, 2016, p. 138).

E, antes de realizar o agrupamento final em categorias, foi pertinente realizar uma nova pesquisa por mais palavras-chave, já dentro do *corpus* específico das

notícias com contextualização. As palavras buscadas então foram: “delegado”, “especialista” e “psicóloga”, e os resultados destas últimas buscas também foram inseridos nas tabelas 2, 3 e 4 desta dissertação.

Com esse desenvolvimento da análise de conteúdo, foi possível realizar a exploração quantitativa final do material (“não é mais do que aplicação sistemática das decisões tomadas”) e o tratamento dos resultados obtidos.

Os resultados obtidos são tratados de maneira a serem significativos (“falantes”) e válidos. Operações estatísticas simples (percentagens), ou mais complexas (análise fatorial), permitem estabelecer quadros de resultados, diagramas, figuras e modelos, os quais condensam e põem em relevo as informações fornecidas pela análise (BARDIN, 2016, p. 131).

Assim foi gerada, além das tabelas em anexo, esta listagem de resultados:

- notícias sobre crimes contra a vida de mulheres: 205;
- reportagens que contextualizem esses crimes: 59;
- notícias contextualizadas contendo a palavra “ranking”: 8;
- notícias contextualizadas contendo a palavra “estatística”: 3;
- notícias contextualizadas contendo a palavra “histórico”: 7;
- notícias contextualizadas contendo a palavra “delegada”: 19;
- notícias contextualizadas contendo a palavra “delegado”: 23;
- notícias contextualizadas contendo a palavra “feminicídio”: 14;
- notícias contextualizadas contendo a palavra “líder”: 1;
- notícias contextualizadas contendo a palavra “sociólogo”: 0;
- notícias contextualizadas contendo a palavra “professor”: 8;
- notícias contextualizadas contendo a palavra “professora”: 3;
- notícias contextualizadas contendo a palavra “especialista”: 3;
- notícias contextualizadas contendo a palavra “movimento”: 4;
- notícias contextualizadas contendo a palavra “humanos”: 0;
- notícias contextualizadas contendo a palavra “psicóloga”: 3; e
- notícias contextualizadas contendo a palavra “juíza”: 18.

E, por categoria, os resultados foram:

- categoria “Polícia e Justiça”:
 - notícias com a palavra “delegada”: 19;
 - notícias com a palavra “delegado”: 23;
 - notícias com a palavra “juíza”: 18;

- total de contextualizações ou de referências: 60.
- categoria “Especialistas”:
 - notícias com a palavra “professor”: 8;
 - notícias com a palavra “professora”: 3;
 - notícias com a palavra “especialista”: 3
 - notícias com a palavra “psicóloga”: 3;
 - notícias com a palavra “sociólogo”: 0;
 - total: 17.
- categoria “Sociedade”:
 - notícias com a palavra “ranking”: 8;
 - notícias com a palavra “estatística”: 3;
 - notícias com a palavra “histórico”: 7;
 - notícias com a palavra “movimento”: 4;
 - notícias com a palavra “humanos”: 0;
 - notícias com a palavra “feminicídio”: 14;
 - notícias com a palavra “líder”: 1;
 - total: 37.

Realizada a análise quantitativa, segue-se para a conclusão da penúltima etapa da técnica da análise de conteúdo, que consiste na já referida articulação da análise quantitativa (“funda-se na frequência de aparição de determinados elementos da mensagem”) com a qualitativa (“recorre a indicadores não frequenciais suscetíveis de permitir inferências”) (BARDIN, 2016, p. 144).

A análise qualitativa apresenta certas características particulares. É válida, sobretudo, na elaboração das deduções específicas sobre um acontecimento ou uma variável de inferência precisa, e não em inferências gerais. Pode funcionar sobre *corpus* reduzidos e estabelecer categorias mais discriminantes, por não estar ligada, enquanto análise qualitativa, a categorias que deem lugar a frequências suficientemente elevadas para que os cálculos se tornem possíveis (BARDIN, 2016, p. 145).

Muito além, portanto, de uma descrição dos resultados da análise quantitativa, a análise qualitativa permitiu evidenciar que: mais de 25% das reportagens sobre crimes contra a vida de mulheres perpetrados no Espírito Santo e publicadas por A Tribuna em 2016 trouxeram alguma contextualização; mesmo entre essas reportagens (e não apenas as todas as outras que apenas descrevem como

os crimes aconteceram), porém, as fontes policiais continuaram sendo muito recorrentes (estavam presentes em 42, mais de dois terços das notícias); apenas 17 notícias (menos de um terço) deram voz a especialistas (que não eram nem da polícia, nem do Poder Judiciário, conforme inclusive checagem posterior em cada uma dessas notícias); situação que se repetiu com os indicadores que mais evidentemente demonstrariam a abordagem do problema junto do seu grave histórico no estado (os índices/indicadores “ranking”, “estatística” e “histórico”, que somados dão 18 notícias); mesmo “feminicídio” (termo naquele momento em grande evidência devido à sua então recente inclusão como tipificação no Código Penal para qualificação para homicídios de mulheres decorrentes de condição de gênero) só apareceu 14 vezes (apesar de, desde a leitura flutuante, ter sido evidente que caberiam bem mais registros); e, na categoria “Sociedade”, quando se retirou o índice/indicador “feminicídio”, só foram registradas cinco notícias com a participação de representantes de movimentos sociais (que seriam localizados por índices/indicadores tais quais “movimento”, “líder” e “humanos” – este último empregado para buscar por “direitos humanos”).

Na etapa conclusiva da análise de conteúdo, são realizadas as inferências, que têm como objetivo buscar a significação fornecida pelas mensagens encontradas na análise (BARDIN, 2016, p. 167), visando verificar as hipóteses inicialmente aventadas – ou seja, realizar “inferências específicas” (BARDIN, 2016, p. 169).

Se a *descrição* (a enumeração das características do texto, resumida após tratamento) é a primeira etapa necessária e se a *interpretação* (a significação concedida a estas características) é a última fase, a inferência é o procedimento intermediário, que vem permitir a passagem, explícita e controlada, de uma à outra. [...]

Segundo a técnica, as inferências podem responder a problemas de origem (“o que *levou* a determinado enunciado? Este aspecto diz respeito às causas ou antecedentes da mensagem”) ou buscar as consequências (“quais as *consequências* que determinado enunciado vai provavelmente provocar? Isto refere-se aos possíveis efeitos das mensagens”, como os efeitos de uma campanha publicitária ou de propaganda) (BARDIN, 2016, p. 45)

Alcançada essa etapa, foram cruzadas as hipóteses com os resultados da combinação das análises quantitativa e qualitativa, para se observar que: 1) a

contextualização não é rara; 2) quando há, porém, ela dá muito mais visibilidade às fontes policiais do que às outras todas, o que reforça o estereótipo de que se trata de um problema criminal principalmente, e não tanto tenha outros aspectos relevantes envolvidos, como histórico e sociológico; 3) é mesmo rara a abordagem da complexa e grave trajetória do problema mesmo nesse estado brasileiro com taxas de criminalidade muito acima da nacional, abordagem que certamente deveria valorizar esse histórico local por si, bem como esse histórico e suas imbricações com outras questões e pelo menos nacionais (quando não também relacionada a questões mais amplas da cultura ocidental contemporânea); e 4) apesar disso, também é rara a inclusão de porta-vozes independentes do trabalho policial, tais quais seriam os movimentos sociais, os formuladores de políticas públicas de combate a esses crimes e os especialistas que são independentes da polícia e do Poder Judiciário (como pesquisadores acadêmicos na área e lideranças dos diversos movimentos sociais locais e nacionais).

O que permite concluir a análise de conteúdo com a interpretação de que, apesar de contextualizar uma parte significativa das notícias (25%) segundo alguns dos critérios recomendados (PRADO, 2016), ainda assim falta muito para que os crimes contra a vida das mulheres no Espírito Santo sejam vistos adequadamente em seu contexto social e comportando os elementos para que este seja mudado.

CONCLUSÕES

Face aos resultados obtidos por meio da análise de conteúdo, o que eles significam à luz dos referenciais teóricos apresentados e como respondem às principais demandas geradoras desta pesquisa de mestrado? Para abrir estas conclusões, retoma-se a pergunta guia desta dissertação: como a contextualização das notícias de crimes contra a vida de mulheres pode estar contribuindo (ou não) com a diminuição (ou aumento) da incidência desse tipo de violência tão recorrente no estado do Espírito Santo?

A proposição inicial foi que, apesar de a imprensa capixaba não muito raramente contextualizar as notícias de crimes contra a vida das mulheres, esta contextualização tem contribuído mais negativamente do que positivamente para a solução do problema.

Apesar de ser positivo por um lado que a imprensa dê visibilidade aos crimes, observa-se a prioridade do jornal em apelar para o sensacionalismo, limitando-se a descrever cada crime isoladamente. Dada a reconhecida trajetória dos crimes contra a vida das pessoas no estado (inclusive os cometidos contra a vida das mulheres), ao não apresentar essa trajetória e quase não reconhecer outras fontes que não as da Polícia e as do Poder Judiciário, o jornal A Tribuna, ainda em 2016, contribuiu, portanto, para uma banalização desses crimes, o que já era apontado por estudos locais anteriores (PESSINI JUNIOR; REBOUÇAS, 2017): a) perdendo oportunidades de apresentar ao público pessoas que fossem referências ou por seus estudos, ou por suas militâncias; b) deixando de apresentar de maneira completa mesmo as estatísticas mais consolidadas e amplamente reconhecidas a respeito da histórica gravidade do cenário capixaba dos crimes contra a vida das mulheres inclusive em termos nacionais (sem falar nas demais informações contextualizadas existentes em níveis locais, fornecidas inclusive pelo poder público); e, assim, c) não questionando

adequadamente nem favorecendo esse questionamento das políticas públicas relacionadas a enfrentar a violência letal contra a mulher.

Resgatando a compreensão de Martín-Barbero (2002), ao deixar de fora aspectos fundamentais para a compreensão desses crimes, o jornal quase sempre deixou de se fazer de palco da parcela da sociedade que não é vítima direta dessa violência (as mulheres vitimadas), mas sim do enfrentamento complexo dessa violência (principalmente os movimentos sociais e especialistas). Focado principalmente no sensacionalismo em detrimento da contextualização, o jornal A Tribuna preservou quase exclusivamente a sua lógica comercial e industrial predominante – mesmo que esta, por outro lado, conforme Genro (1989), não prescindia do papel social do jornalismo, da sua utilidade demandada pela sociedade.

E, se destas maneiras o jornal também não acompanhou os desenvolvimentos contemporâneos da comunicação nas sociedades democráticas, também não acompanhou a lógica da evolução da sociedade de que o próprio jornal depende para sobreviver, conforme a segunda e a terceira características básicas das indústrias culturais e midiáticas contemporâneas (MIÈGE, 2007). Ou seja, deixou de realizar adequadamente mesmo o seu papel enquanto indústria cultura e midiática específica, em um contexto específico, ao tratar muito superficialmente da sociedade com a qual se relaciona e da qual depende para prosperar. Ora, esta sociedade tornou-se cada vez mais exigente em relação ao combate dos crimes contra a vida das mulheres, como vimos com Saqueto (2016), ao tratar da rara inclusão do termo feminicídio, mesmo depois da mudança na tipificação penal desse crime. E, ao quase nunca abrir espaço para o reconhecimento das lutas e da trajetória que a sociedade avaliava de maneira cada vez mais crítica, o jornal se negou a participar da constituição de novas territorialidades apresentando suas transitoriedades e relações conflituosas, indicadas nos estudos de Massey (2008) e Haesbaert (2011). Destaque ainda mais especial deve ser para a quase completa ausência do que, baseado em Santos (2006), poderia ser buscado como as potencialmente revolucionárias horizontalidades, como as construções locais, das comunidades mais afetadas por homicídios, do enfrentamento dos crimes contra a vida das mulheres (conforme inclusive a leitura de todas as reportagens, para além da análise de conteúdo). Ou será que as comunidades mais afetadas nada produziram em 2016, limitando-se a sofrerem caladas durante um ano inteiro?

Com base na compreensão de poder de Foucault como algo exercido, e não detido; como algo criador; e como algo também exterior às esferas de poder político institucional, pode-se destacar que o jornal diminui o poder de quem deseja construir uma sociedade livre da violência contra a mulher. Talvez porque o jornal, por outro lado, trabalhasse significativamente dependente da publicidade de um poderoso governo estadual que, ao mesmo tempo em que era centralizador, autoritário e preocupado com sua imagem, foi também incompetente no combate à impressionante trajetória recente dos altos índices de crimes contra a mulher no Espírito Santo. Ou seja, o jornal, no noticiário, exercia poder relevante ao criar uma leitura social que não questionava o governo estadual, ao não tratar da história e dos seus personagens.

O jornal, então, além de não contribuir, prejudicou a sociedade como um todo – o que é um resultado bem pior do que o proposto inicialmente para esta dissertação e abre espaço para uma leitura de que esta sociedade carece de comunicação mais democrática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

CALDAS, Weber Kirmse; REBOUÇAS, Edgard. Crise dos jornais em uma perspectiva histórica: o antes, o agora e o depois. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 11., 2017, São Paulo. **Anais eletrônicos [...]**. Porto Alegre: UFRGS/Alcar, 2017. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/11o-encontro-2017/gt-2013-historia-da-midia-impressa/crise-dos-jornais-em-uma-perspectiva-historica-o-antes-o-agora-e-o-depois/view>. Acesso em: 13 jan. 2018.

CALDAS, Weber Kirmse; REBOUÇAS, Edgard. Os jornais podem (e já começaram) a desaparecer. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39., 2016, São Paulo. **Anais eletrônicos [...]**. São Paulo: Intercom, 2016. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2059-1.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2018.

CAVACHINI, Juliana da Costa et al. **A violência contra a mulher no Espírito Santo: antes e depois da Lei Maria da Penha**. Venda Nova do Imigrante: Intelletto, 2016, v.2, n.2. p. 196-215, 2016.

CERQUEIRA, Daniel et al. **Atlas da Violência 2016**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), 2016.

CERQUEIRA, Daniel et al. **Atlas da Violência 2018**. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), 2018.

CERQUEIRA, Daniel et al. **Atlas da Violência 2019**. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), 2019.

COSTA, Marco Aurélio Borges. **Vítimas que choram: trajetórias de coerção, acumulação social e empreendedorismo violento no Espírito Santo**. São Paulo: Opção Livros, 2016.

DELEUZE, Gilles. Um novo cartógrafo ('Vigiar e Punir'). *In*: _____. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005. p. 33-53.

FERRAZ, Isabel Maria de Oliveira. **Violência contra a mulher: o retrato nos jornais capixabas**. 2016. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local) - Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória, Vitória, 2016.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

FRANÇA, Vera Veiga. Crítica e metacrítica: contribuição e responsabilidade das teorias da comunicação. **MATRIZES**, São Paulo, v.8, n.º2, p. 101-116, jul./dez. 2014.

_____. O objeto da comunicação/A comunicação como objeto. In: FRANÇA, Vera Veiga; HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz. C. (orgs). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Ortiz, 1989.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade**. 6ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

KANTAR IBOPE MEDIA. Investimentos em mídia somam o equivalente a R\$ 129,9 bilhões em 2016, indica Kantar Ibope Media. **Website Kantar Ibope Media**. Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/investimentos-em-midia-somam-o-equivalente-a-r-1299-bilhoes-em-2016-indica-kantar-ibope-media/>. Acesso em: 13 jan. 2018.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LEITE, J. B.; HENRIQUES, R. S. P. A Representação da Morte no Balanço Geral Espírito Santo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos [...]**. São Paulo: Intercom, 2015. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-3014-1.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2018.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. O campo da comunicação: reflexões sobre seu estatuto disciplinar. In: **Revista USP**, São Paulo n.48, p.46-57, dezembro/fevereiro 2000-2001.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício do cartógrafo: travessias latino-americanas de comunicação na cultura**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

_____. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Dênis de (Org). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MARTINEZ, M. & PESSONI, A. O Uso da Análise de Conteúdo em Jornalismo: pesquisas feitas com o método na Intercom de 1996 a 2012. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 37., 2014, Foz do Iguaçu. **Anais eletrônicos[...]**. São Paulo: Intercom, 2014. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/2014/resumos/R9-0126-1.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2018.

MARTINEZ, Monica et al. Estudos de gênero na pesquisa em jornalismo no Brasil: uma tênue relação. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, 2016.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MATTELART, Armand e Michèle. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MEDIA DATA BASE, Media Data Base – International Media Corporations 2015. **Website Institute of Media and Communications Policy**. Disponível em: <https://www.mediadb.eu/en.html>. Acesso em: 13 jan. 2018.

MELO, José Marques de. Economia Política da Comunicação no Brasil de 1923-2008 - Precusores, pioneiros, baluartes e vanguardistas. **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 15-31, jan./jun.2009.

MIÈGE, Bernard. As indústrias culturais e midiáticas: uma abordagem sócio-econômica. **MATRIZES**, n. 1, p. 41-54, 2007.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7 ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2000.

MOSCO, Vincent. Current Trends in the Political Economy of Communication. **Global Media Journal - Canadian Edition**, v. 1, n. 1, p. 45-63, 2008.

NADER, Maria B. Gênero e sexualidade. In: **Mulher e gênero em debate: representações, poder e ideologia**. Vitória: Edufes, 2014.

NATALE, Raquelli. **A representação social da violência de gênero contra a mulher no Espírito Santo**. 2015. 176 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

BRASIL. SECRETARIA ESPECIAL DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. ASSESSORIA DE PESQUISA DE OPINIÃO PÚBLICA. **Pesquisa Brasileira de Mídia 2016 - Hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Brasília, 2016. Disponível em: <http://pesquisademidia.gov.br/#/Geral/details-917>. 2017. Acesso em: 13 jan. 2018.

PESSINI JUNIOR, Ademar P.; e REBOUÇAS, José E. Pesquisas sobre representação dos homicídios na imprensa do Espírito Santo: um mapeamento para novos trabalhos. In: XII CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE MÍDIA CIDADÃ, 12., 2017, Juiz de Fora. **Anais eletrônicos [...]**. Juiz de Fora: UFJF, 2017. Disponível em: <http://www.ufjf.br/midiacidade2017/files/2018/10/Pesquisas-sobre-representa%C3%A7%C3%A3o-dos-homic%C3%ADios-na-imprensa-do-Esp%C3%ADrito-Santo.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2018.

PRADO, D. **Feminicídio: invisibilidade mata**. São Paulo: Editora Fundação Rosa

Luxemburgo, Instituto Patrícia Galvão, 2017.

RANGEL, Livia A. S.; e NADER, Maria B. História das mulheres e estudos de gênero: identidade e relações de poder. In: **Mulher e gênero em debate: representações, poder e ideologia**. Vitória: Edufes, 2014.

REVEL, Judith. Poder. In: _____. **Michel Foucault: conceitos fundamentais**. São Carlos: Claraluz, 2005, p.67-69.

RIBEIRO, B. A.; HENRIQUES, R. S. P. Telejornais policiais capixabas: análise sobre o papel dos apresentadores nos telejornais Alerta ES, Balanço Geral ES e Cidade Alerta Espírito Santo. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUDESTE, 20., 2015, Uberlândia. **Anais eletrônicos[...]**. São Paulo: Intercom, 2015. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2015/resumos/R48-1295-1.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2018.

RIBEIRO JÚNIOR, H.; VELOSO, F. O linchamento de Gilbercan Mezini e a narrativa midiática: notas sobre a transformação do indivíduo em homo sacer. **Sociedade e Cultura**. Goiânia, vol. 19, n. 1, pp. 51-60, 2016.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SAQUETTO, Jessyka Bernardone. **Tipificação do feminicídio: o perfil socioeconômico e a caracterização dos crimes contra a mulher pelo jornal A Tribuna**. Monografia (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

SCHAFFER, G. L. S.; TOMAZI, M. M. Discurso e manipulação: um estudo crítico de uma reportagem noticiada de A Gazeta sobre a violência contra a mulher. In: II CONEL – CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, 2., 2014, Vitória. **Anais [...]**. Vitória: PPGEL, 2014. p.42-45.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil**. Brasília: Flacso, 2015. Disponível em: http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf. Acesso em: 2 fev. 2018.

ZANOTELLI, Cláudio et al. Violência criminalizada: os homicídios cometidos no Espírito Santo noticiados nos jornais (1994-2002). **Revista Cidadã**. Vitória, p.4-41, 2004.

ZANOTELLI, C. L.; MEDINA, J. L. B. Análise dos discursos sobre a criminalidade e a delinquência na mídia capixaba e seus efeitos sobre a política de segurança e a percepção de (in) segurança. **Revista UFES Cidadã**. Vitória, p.1-15, 2007.